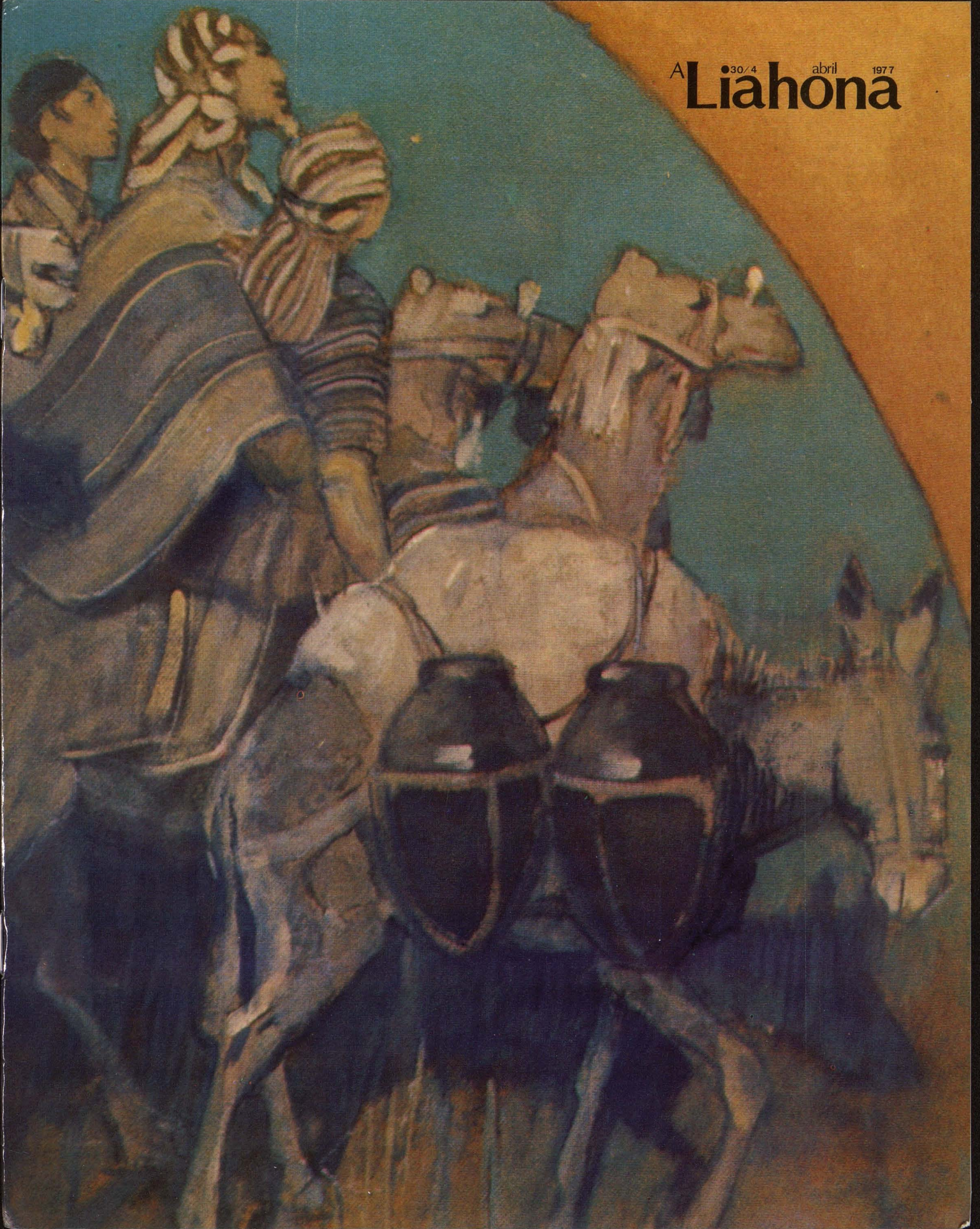


A ^{30/4} **Liahona** abril 1977





A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

Spencer W. Kimball
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney

CONSELHO DOS DOZE

Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
Delbert L. Stapley
LeGrand Richards
Howard W. Hunter
Gordon B. Hinckley
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry
David B. Haight

COMITÊ DE SUPERVISÃO

Gordon B. Hinckley
Marvin J. Ashton
L. Tom Perry
Marion D. Hanks
James A. Cullimore
Robert D. Hales

EDITOR DAS REVISTAS DA IGREJA

Dean L. Larsen

EXECUTIVO DO INTERNATIONAL MAGAZINE

Larry Hiller, Editor Gerente
Carol Larsen, Editor Associado
Roger Gylling, Desenhista

EXECUTIVO DA "A LIAHONA"

José B. Puerta, Coordenador de Línguas
José G. F. da Silva, Correspondente
Moacir S. Lopes, Supervisor de Layout

A ^{30/4} ^{abril} ¹⁹⁷⁷ Liahona

- 1 Mensagem da Primeira Presidência, DEVEMOS SER UM POVO REVERENTE, Presidente Spencer W. Kimball.
 - 3 A ORGANIZAÇÃO COMEÇA EM CASA, Lyman de Platt.
 - 6 A ANTIGA PRÁTICA DA CRUCIFICAÇÃO, Richard Lloyd Anderson.
 - 8 PAI LÊHI; PROFETA E PATRIARCA, Marshall R. Graig.
 - 10 NÉFI, UM HOMEM UNIVERSAL, Allen E. Bergin.
 - 21 Diário Mórmon: "UMA PEQUENA AMOSTRA DE AMOR", Erma Braack.
 - 27 ENSINAR E APRENDER O EVANGELHO, Theo E. McKean.
- SEÇÃO DA JUVENTUDE**
- 22 JESUS CRISTO — DÁDIVAS E ESPERANÇAS, Presidente Ezra Taft Benson.
- SEÇÃO DAS CRIANÇAS**
- 16 DE UM AMIGO PARA OUTRO, JESUS CRISTO NOSSO SENHOR E REDENTOR, Presidente Marion G. Romney.
 - 13 O VESTIDO DE PÁScoa COR-DE-ROSA, Dora D. Flack.
 - 18 O PEQUENO MISSIONÁRIO.
 - 20 SÓ PARA DIVERTIR.
- NOTÍCIAS LOCAIS**
- 30 PERFIL DE UM LÍDER. PRESIDENTE HELIO DA ROCHA CAMARGO, por Maria Antonia Brown.
 - 33 SÃO PAULO: ORGANIZADA NOVA ESTACA E OUTRA REORGANIZADA.
 - 35 WALTER SPÄT, O NOVO REPRESENTANTE REGIONAL.

REGISTRO: está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob o n.º 1151-P 209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP. Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 20,00; para o exterior, simples: US\$ 5,00; aérea: US\$ 10,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr\$ 2,00; exemplar atrasado: Cr\$ 2,50. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — c 1977 pela Corporação da Presidência de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição brasileira do «International Magazine» de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do livro B, n.º 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. «International Magazine» é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês. Composta pela Linoetra, Rua Abolição, 201, telefone 32-7743. Impressa pela Editora Gráfica Lopes, Rua Peribeubui n.º 331, telefone 276-8222, São Paulo, SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas todas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do «International Magazine». Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Mensagem da Primeira Presidência

GM
M20551
L694P
v. 30
1977

Devemos ser um Povo Reverente

Presidente Spencer W. Kimball

Somos um povo ricamente abençoado. O Senhor nos deu tudo: o evangelho de Jesus Cristo, a luz, o sacerdócio, o poder, as promessas, os convênios, os templos, nossas famílias e a verdade.

Deveríamos ser o povo mais feliz da Terra, e também o mais reverente. É nesse ponto que cada indivíduo e cada família deveriam fazer uma auto-análise. Somos um povo reverente? Nossos atos no lar e na Igreja demonstram reverência para com nosso Criador?

As vezes, duvidamos. Assistimos a reuniões sacramentais e conferências em que crianças correm desenfreadamente entre os bancos, durante o serviço de adoração. Observamos pessoas adultas falando com as que estão a seu lado, algumas cochilando, e os jovens se reunindo nos corredores.

Vemos ainda famílias chegando atrasadas e sentar-se ruidosamente nos bancos, e grupos de pessoas conversando em voz alta na capela depois das reuniões.

Imaginemos o efeito que isso causa nos investigadores, nos amigos e membros, cujo testemunho é fraco e está em fase de desenvolvimento. Nossas reuniões são o poderoso instrumento missionário que podem ser, onde reina o Espírito do Senhor e penetra em todos os corações? Ou, para sentirmos o Espírito, temos que eliminar primeiramente todas as distrações desnecessárias?

Examinemos a reverência, não apenas quanto ao seu significado e importância para a vida dos SUD, mas algumas formas possíveis pelas quais podemos ensiná-la a nossos filhos e melhorar o nosso próprio desempenho.



Significado e Importância da Reverência

A reverência foi definida como “um sentimento ou atitude de profundo respeito, afeto e temor por alguma coisa sagrada.” Outra forma de expressar o significado da reverência é descrevê-la como uma devoção a Deus.

Muitos líderes do mundo têm considerado a reverência como um dos mais elevados atributos da alma, dizendo que ela envolve a verdadeira fé em Deus e sua retidão, elevada cultura e amor às boas coisas da vida.

Reverência a Deus

Numa revelação moderna, o Senhor nos ajudou a compreender o significado e importância da reverência.

Um desses exemplos parece indicar que a reverência para com o Pai e o Filho é uma qualidade ou característica essencial daqueles que alcançam o reino celeste. Na seção 76 de Doutrina e Convênios, conhecida como “A Visão,” dada a Joseph Smith e Sidney Rigdon em fevereiro de 1832, encontramos o seguinte:

“E assim vimos a glória do celeste, que supera em todas as coisas — onde Deus, mesmo o Pai, reina sobre o seu trono para todo o sempre;

“Diante de cujo trono todas as coisas se curvam em humilde reverência e lhe dão glória para todo o sempre.

“Aqueles que habitam em sua presença são a Igreja do Primogênito; e eles vêm como são vistos, e conhecem como são conhecidos, tendo recebido de sua plenitude e de sua graça;

“E ele os faz iguais em força, poder e domínio.” (DeC 76:92-95.)

Reverência Pelo Nome da Deidade

Outra revelação moderna ensina que devemos ser reverentes até mesmo para com o nome da Deidade; a não profanar o nome do Pai, e até mesmo evitar o uso freqüente de seu nome. (DeC 107:2-4.)

Neste ponto, devemos lembrar que um dos mandamentos diz:

“Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão: porque o Senhor

não terá por inocente o que tomar o seu nome em vão.” (Êxodo 20:7.)

Evidentemente essa reverência por Deus e seu nome é uma das qualidades mais importantes que podemos cultivar.

Reverência Pela Casa do Senhor

Existe ainda outra área de extrema importância. O Senhor nos ensinou através de revelação moderna, que devemos ter a devida reverência por sua casa sagrada. Na importante revelação dada a Joseph Smith, conhecida como a oração dedicatória do templo de Kirtland, foi dada uma orientação que este, como os outros templos sagrados erigidos ao Senhor, deveria ser um lugar de reverência a ele. (DeC 109:13, 16-21.)

Num sentido muito real, o que se diz quanto aos templos sagrados da Igreja, aplica-se também a toda “casa do Senhor”, seja ela uma capela ou qualquer outro lugar em que os Santos se reúnem para adorar, ou, de fato, qualquer lar SUD.

Reverência Envolve Felicidade

Como acontece com os outros princípios do Evangelho, a reverência proporciona um aumento de felicidade.

Devemos lembrar de que a reverência não é um comportamento melancólico temporário que adotamos aos domingos. A verdadeira reverência envolve a felicidade, bem como amor, respeito, gratidão e temor a Deus. É uma virtude que deve fazer parte de nossa maneira de viver. De fato, os Santos dos Últimos Dias deveriam ser o povo mais reverente da Terra.

A Reverência no Lar

Onde, então, começa a reverência? Como podemos desenvolvê-la? O lar é a chave para a reverência, e também o local adequado para se desenvolver qualquer outra atitude divina.

Deixem-me ressaltar a importância de ensinar as crianças a orar. É durante as orações pessoais e familiares que elas aprendem a baixar suas cabeças, dobrar os braços e fechar os olhos quando se estão dirigindo a nosso Pai Celestial.

O comportamento que aprendem em casa determina a reverência que terão nas reuniões da Igreja. Uma criança que aprendeu a

orar em casa, logo aprende que deve ficar quieta e calada durante as orações do serviço de adoração.

Desse modo, quando as reuniões familiares fazem parte da vida familiar, as crianças sabem que há ocasiões especiais, não apenas na Igreja, como em casa, em que aprendemos sobre nosso Pai Celestial, quando todos precisam comportar-se da melhor maneira possível.

A música é um deleite especial para as crianças. Os hinos que freqüentemente são cantados na Igreja, também podem ser usados de maneira familiar em casa. As crianças pequenas, principalmente, poderiam tirar grande proveito se os pais as ajudassem a aprender hinos afáveis no lar. Desse modo, elas antecipariam ansiosamente poder cantar durante a reunião sacramental ou em outras reuniões.

Reverência na Igreja

É claro que os pais devem assistir às reuniões dominicais juntamente com seus filhos.

Eles devem trabalhar em conjunto para assegurar que a preparação para assistir às reuniões seja uma agradável experiência familiar. A correria de última hora para reunir e aprontar as crianças, e sair apressadamente para as reuniões, é destrutiva ao espírito de reverência.

Quando famílias adquirem esse hábito, freqüentemente chegam atrasadas à Igreja, e muitas vezes se trocam palavras ásperas e há desentendimentos, e as crianças ficam transtornadas e inquietas durante a reunião.

Quão mais reverente é a família que se prepara com bastante antecedência para as reuniões, que chega à capela antes do início das reuniões, e sentam-se juntos para ouvir o prelúdio musical e banir as preocupações mundanas de sua mente.

Os pais de filhos pequenos muitas vezes sentem dificuldades para ajudá-los a apreciar as reuniões e evitar que criem distúrbios. A perseverança, firmeza e preparação no lar são os ingredientes essenciais para o sucesso. Se estiverem confusos quanto à maneira de cuidar dos filhos na Igreja, os jovens pais poderão pedir conselhos a um casal mais experiente da ala.

Freqüentemente, antes e depois das reuniões, os membros da Igreja se reúnem na capela para trocar cumprimentos. Algumas irreverências aparentes são devidas ao inocente fato de sermos um povo amigável, e o Dia do Senhor ser uma ocasião conveniente para conversar, confraternizar e encontrar novas pessoas.

Os pais devem dar o exemplo para seus familiares, conversando nos corredores e outras áreas fora da capela, antes ou depois das reuniões. Ao terminar uma reunião, os pais podem ajudar a levar o espírito do serviço de adoração para o lar, discutindo em casa, com seus filhos, um número musical ou algum outro aspecto positivo da reunião.

Um Esforço para Melhorar a Reverência

Temos debatido a importância da reverência e examinado alguns de seus significados. Oferecemos também diversas sugestões a respeito de promover a reverência no lar e na Igreja.

O aperfeiçoamento real das ações das pessoas, entretanto, ocorrerá quando os líderes e famílias locais combinarem seus esforços para sobrepujar os problemas específicos de reverência. Antevemos um esforço geral em toda a Igreja para melhorar o padrão de reverência. Apoiamos essa iniciativa, e esperamos fornecer encorajamento e materiais de nível geral para apoiá-lo.

A verdadeira reverência é uma qualidade vital que está desaparecendo rapidamente do mundo, à medida que as forças do mal aumentam sua influência. Não podemos compreender totalmente o poder benéfico que podemos exercer, se os milhões de membros da verdadeira Igreja de Cristo forem um exemplo de comportamento reverente. Não podemos imaginar o número adicional de vidas que podemos influenciar.

O que é mais importante ainda: não podemos prever o grande impacto espiritual que influenciará nossas próprias famílias, se nos tornarmos o povo reverente que deveríamos ser. Minha oração é que possamos trabalhar para desenvolver maior reverência em nossas vidas.

A Organização Começa em Casa

Lyman de Platt

Eis aqui um ponto de partida para os pais preocupados em como envolver suas famílias no trabalho missionário, genealógico, do plano de bem-estar, e na educação familiar.

Pais, vocês já disseram a si próprios coisas semelhantes a estas? “Sabemos muito bem disso, mas ainda não conseguimos fazer com que nos reunamos e nos ajoelhemos pela manhã e à noite para a oração familiar.”

“Nossos vizinhos mudaram-se ontem; parece ter-se passado tão pouco tempo desde que eles vieram morar aqui. Pretendíamos mesmo visitá-los e eventualmente tentar interessá-los no Evangelho, mas não o fizemos.”

“Não está longe a época em que nossos filhos deverão sair em missão, mas ainda não economizamos dinheiro suficiente, apesar de termos as melhores intenções.”

“A horta parece que nunca será feita.”

“Vovó costumava contar lindas histórias a respeito do tempo de sua juventude. Gostaria de que as tivéssemos escrito, enquanto ela ainda estava viva.”

“Não nos sentimos muito bem. Parece que sempre um de nós está doente. Por que não conseguimos iniciar algum programa de aptidão física para toda a família?”

“A Fernanda (de oito anos de idade) não parece estar muito interessada na Igreja. Não sei por quê. Sinto-me mal a respeito, por não ter acompanhado de perto o seu progresso.”

“O Cláudio terminará o curso colegial no ano que vem, e acaba de me ocorrer que ainda não temos qualquer idéia quanto ao que fará depois de se formar — que tipo de emprego conseguirá arranjar, ou o que vai estudar.”

“Ficamos abismados ao ver como as crianças crescem rapidamente — elas não param! Mas, por alguma razão, elas não aprenderam as Escrituras como deveriam.”

“Sabemos que nosso trabalho genealógico é importante; mas, depois que todas as coisas são ditas e feitas, ele continua do mesmo jeito do ano passado.”

“Acho que está faltando alguma coisa na maneira como exerço meu Sacerdócio como um pai. Em realidade, **não** o exerço. Não estou assumindo o controle da família. As coisas parecem acontecer naturalmente, e estou insatisfeito por não poder controlar os acontecimentos.”

Algumas dessas coisas se aplicam a você? Se for como muitos pais que existem na Igreja, algumas des-

sas situações se aplicam a você. Talvez já tenha parado para pensar e analisar o desempenho e progresso de sua família contra o que se espera de você como um pai no reino de Deus, e talvez tenha sentido que o que esperam de você é desnorteante. Por que? Geralmente não é uma questão de crer, ou de desejar fazer o que é certo. Muitas vezes é apenas uma questão de saber como organizar a família.

Considere o exemplo de nosso pai Adão.

Três anos antes de seu falecimento, Adão reuniu os dignos filhos no vale de Adam-ondi-Ahman. O Senhor Jesus Cristo apresentou-se naquela reunião familiar e dirigiu a Adão algumas palavras que deveriam ecoar na mente de cada pai:

“Eu te separei para seres a cabeça . . . tu és príncipe delas para sempre.” (DeC 107:55.)

Durante toda uma existência de retidão, Adão havia instilado em seus filhos, que com ele se reuniram naquela solene ocasião, os princípios salvadores do Evangelho, e desse modo tornara-se seu pai, através de Cristo, na ordem patriarcal do Sacerdócio que existirá na eternidade. Referindo-se aos nossos dias, o próprio Adão, “movido pelo Espírito Santo”, disse:

“Ora, esse mesmo Sacerdócio, que existiu no princípio, existirá também no fim do mundo.” (Moisés 6:7.)

Portanto, quando olhamos para nossas famílias atualmente, e imaginamos que elas também podem tornar-se parte dessa grande família eterna de Deus, somos levados a perguntar seriamente a nós mesmos, se estamos ou não ensinando a nossos próprios filhos as coisas que lhes assegurarão a oportunidade de alcançar essa meta. Deveríamos providenciar que cada família fosse organizada segundo essa ordem do Sacerdócio — para enfrentar não apenas as necessidades da vida quotidiana, mas também para alcançar todas as metas louváveis da vida.

Essas metas incluem bem-estar temporal; maturidade espiritual, social e intelectual; atividades recreativas; trabalho missionário, genealógico e do templo. Em outras palavras, a organização familiar ideal seria padronizada de acordo com o reino de Deus, suficientemente flexível para diversificar e crescer à medida que os membros da família se tornassem mais experientes e numerosos. Isso proporcionará uma atmosfera em que os membros da família poderão associar-se e crescer em todas as fases da vida, até o máximo de suas habilidades.

Todas as famílias da Igreja — tanto as dos jovens casais que acabam de contrair matrimônio como as famílias mais idosas, que já possuem grande reserva de experiência — podem começar a organizar-se fervorosa e ansiosamente para satisfazer suas diversas

necessidades. Em ambos os casos, esse processo deve começar cedo — quanto mais cedo melhor — pois é necessário estabelecer um alicerce bem sólido e desenvolver certos hábitos pessoais, se quiserem que os filhos cresçam com o treinamento, respeito, devoção, fé, conhecimento e humildade adequados.

Os programas básicos do Sacerdócio proporcionam essa estrutura à família. Entre eles, encontram-se as atividades do plano de bem-estar, do trabalho missionário e genealógico.

Plano de Bem-Estar

Esse plano inclui o bem-estar físico e emocional de cada membro da família. Entre suas atividades, estão as entrevistas pessoais que o pai faz com os filhos, as reuniões do conselho familiar, reuniões familiares e os programas adequadamente organizados para o desenvolvimento físico, armazenamento doméstico, jardinagem, projetos agrícolas, estabelecimento de metas profissionais para cada membro da família e o orçamento financeiro.

Na sessão da conferência de 5 de abril de 1975, dedicada ao plano de bem-estar, o Bispo H. Burke Peterson disse: “Quando falamos em preparação familiar, devemos nos referir às necessidades futuras, previstas, quase esperadas, que podem ser resolvidas através de uma sábia preparação.”

Trabalho Missionário

As famílias são as principais responsáveis pelo trabalho missionário da Igreja, e contam com a ajuda dos missionários de tempo integral e as organizações da Igreja.

A atividade missionária em que se deve empenhar uma família que está em fase de desenvolvimento, pode consistir em economizar os fundos necessários para uma missão, a preparação pessoal, cumprir uma missão, e em ajudar nos projetos missionários da família ou da ala. Preparar os jovens para a missão é mais responsabilidade da família do que de qualquer outra pessoa. O pai deve ensinar seus filhos desde a infância, a fim de que possam estar preparados para cumprir uma missão. Todo menino deve ter uma caderneta de poupança, cujos fundos serão destinados a esse fim. Os pais e avós devem conversar com eles a respeito de **quando** deverão cumprir a missão.

Também é responsabilidade de cada família da Igreja, confraternizar com outras famílias. É uma grande bênção para uma criança crescer num lar em que os familiares oram pela família que estão tentando converter, em que pelo menos uma vez por mês fazem algo para que essa família saiba que eles a amam; e quando observam essa outra família vir para a Igreja e desfrutar das alegrias do Evangelho.

Genealogia

A atividade genealógica começa ensinando os filhos a apreciarem os laços e a herança familiar. Algumas maneiras de se alcançar esse objetivo é preparar um livro de recordação familiar, que é usado juntamente com as Escrituras para ensinar os filhos; dar ênfase à participação em organizações familiares



O bem-estar familiar inclui ajudar os filhos a escolherem sua profissão e o caminho que irão seguir na vida.



Quando vocês estabelecem laços de amizade com uma família de não-membros da Igreja, a felicidade e o amor que existem em seu lar são os maiores professores do Evangelho.

maiores; participar de pesquisas genealógicas, do trabalho no templo e atividades subseqüentes.

Uma das coisas que mais distingue a humanidade de seu Pai Celestial é a imperfeição da memória humana. Frequentemente somos não apenas incapazes de nos lembrarmos de pequenos detalhes, mas temos também a tendência de esquecer prioridades e convênios importantes. Nosso Pai Celestial ordenou que conservássemos um registro pessoal para compensarmos essa deficiência.

A Igreja mantém um registro de tudo o que deve ser lembrado. Há registros de decisões tomadas, de experiências, revelações, discursos, ordenanças, e fichas de membro; e tudo isso faz parte de um livro



Sua história familiar abrange mais do que o passado distante. Você está vivendo uma história familiar a cada dia; escreva-a ou cole-a num livro.



Se você, como pai, deseja ajudar sua família, deve procurar saber quais são as necessidades familiares e o progresso que já alcançaram.

de recordação feito para o reino de Deus. Do mesmo modo, o propósito dos sagrados registros familiares é ajudar os membros da família do reino a recordar as coisas que os ajudarão a alcançar a salvação e permitir que as ensinem a outras pessoas. Entre as coisas mais importantes a serem lembradas, encontram-se os princípios do Evangelho, experiências e revelações sagradas, ordenanças realizadas para os membros da família, linhagens e a história pessoal de seus antepassados.

Educação Familiar

Naturalmente, o elo que une as três áreas de ênfase acima descritas, é a educação familiar, que inclui o ensino familiar.

O pai aprende qual é o seu dever quanto às atividades do trabalho de bem-estar, missionário e genealógico de seus próprios pais, e mais tarde por intermédio dos líderes do quorum do Sacerdócio. Ele talvez mantenha um livro de anotações, onde estão ordenados e cuidadosamente registrados todos os seus encargos, na devida ordem, para que possa ter essas responsabilidades constantemente sob sua atenção, e avaliar com maior facilidade o seu progresso diário. Ele está, então, preparado para instruir sua família no tocante a esses assuntos e a respeito de todas as doutrinas do reino, e a exercer o seu Sacerdócio. Os mestres familiares visitam periodicamente a família para ver se tudo está correndo bem.

Assim instruída, a família tem a possibilidade de amadurecer rapidamente sob a influência doce e persuasiva do Espírito Santo. Os casais crescem juntos em retidão, permanecendo, como Adão e Eva, à testa de nobres gerações. É isso que significa organizar a sua família. Mais tarde, a família organizada pode expandir-se até incluir as famílias individuais dos filhos, numa organização ainda maior.

O Presidente Joseph Fielding Smith colocou as organizações familiares num contexto eterno dizendo: "Nossas associações não se limitam apenas a esta vida, ou para o tempo, conforme o distinguimos da eternidade. Vivemos para o tempo e para a eternidade. Formamos associações e relações para o tempo e a eternidade. Nossa afeição e desejos são adequados e preparados para durar não somente durante a vida mortal e temporal, mas também para toda a eternidade. Que povo, além dos Santos dos Últimos Dias, nutre o pensamento de que continuaremos a viver numa organização familiar além da morte, com o pai, a mãe e os filhos reconhecendo-se mutuamente no relacionamento recíproco? A organização familiar, como uma unidade da grande e perfeita organização da obra de Deus, tem o propósito de continuar por todo tempo e eternidade! ("The Restoration of All Things", discurso proferido em 3 de dezembro de 1944, através da estação radiofônica KLS.)

Certamente, para viver de acordo com a responsabilidade de sua organização familiar, um pai não poderia fazer nada melhor do que estabelecer como padrão para seu lar, o que foi dito sobre a casa do Senhor:

"Organizai-vos; preparai todas as coisas necessárias; e estabeleci uma casa, mesmo uma casa de oração, uma casa de jejum, uma casa de fé, uma casa de ensino, uma casa de glória, uma casa de ordem, uma casa de Deus." (DeC 88:119.)

Para qualquer pai, tal desafio requer estudo, planejamento, oração e sacrifício; mas as bênçãos que estão preparadas para esse pai e essa família, valem o esforço que deles é requerido. Se sua família está à deriva, pouco interessada nos programas do reino, tente estabelecer uma organização familiar. Ela foi criada para você; ela pode ajudá-lo; ela faz parte do Evangelho destes últimos dias.

Lyman de Platt, especialista em serviços instrutivos do Departamento Genealógico da Igreja, é professor da Escola Dominical da Ala de Spring Lake, Estaca Payson Leste Utah.

A Antiga Prática da Crucificação

Richard Lloyd Anderson



Os arqueólogos desenterraram, recentemente, o esqueleto de um homem conhecido como Jeoanan, crucificado aproximadamente no tempo de Cristo. O que descobriram nessa ossada levanta dúvidas sobre o que realmente sabemos acerca de crucificação. Os quatro Evangelhos relatam a execução de Jesus com uma acentuada sobriedade; os leitores antigos estavam bem familiarizados com os perversos procedimentos da morte na cruz, por isso os autores dos Evangelhos não precisaram descrever todos os detalhes. Mas atualmente as pessoas não imaginam o quanto era horrível esse método de execução. Portanto, os leitores modernos precisam pesquisar a literatura antiga, para ter uma idéia do que os povos antigos conheciam a respeito desse assunto, cujos pormenores não foram relatados em o Novo Testamento. Ao revisarmos os quatro Evangelhos e observarmos o que mencionam acerca da crucificação, ganhamos um entendimento mais profundo a respeito do Salvador, particularmente no que concerne à nova evidência física fornecida pela arqueologia.

O Senhor viveu num território romano onde todo mundo estava mais familiarizado do que desejaria com a crucificação. Essa forma de castigo extremo era o método usado pelos romanos para subjugar as outras nações, como bem demonstram os registros de Flávio Josefo (37-100 A.D.), historiador judeu, autor de "The Antiquities of the Jews" e de "History of the Jewish Wars", a respeito da atribulada Palestina. Quando Jerusalém se sublevoou, depois da morte de Herodes, o Grande, o governador da Síria marchou com suas legiões através da Galiléia, até chegar a

Jerusalém, onde ordenou a crucificação de 2000 rebeldes. (*Antiquities*, 17:295.)

Na última ameaça da Guerra Judaica, em 66 A.D., o procurador Gessius Florus fez violentas represálias, matando pessoas indiscriminadamente nas ruas de Jerusalém, prendendo muitos cidadãos e ordenando que fossem "primeiro chicoteados e depois crucificados." (*Jewish War*, 2:306.) O clímax daquela guerra foi o selvagem cerco de Jerusalém, ocorrido no ano de 70 A.D., quando foi sitiada pelo general Tito, que veio a ser o próximo imperador. Ele matou à fome os defensores da cidade, e forçou as hordas das classes pobres a saírem das fortificações em busca de alimento. Seguindo uma típica tática romana de terror, centenas dessas pessoas foram transformadas diariamente em exemplos, sendo torturadas à vista do povo que a tudo assistia das muralhas da cidade. (*Jewish War*, 5:449.)

Os romanos reservavam esse tipo de suplício como uma severa lição aos ladrões e rebeldes. Assim, o Senhor veio à terra e suportou o pior castigo que os homens podiam infligir. Os historiadores antigos falam com horror do castigo da crucificação. A história de Marco Túlio Cícero (106-43 A.C.), estadista e escritor romano, revela sua repulsa pela morte na cruz. Ela era o "castigo extremo e final dos escravos" (*servitutis extremum summumque supplicium*. *Against Verres*, 2:5.169), a "penalidade mais cruel e repugnante", (*crudelissimum taeterrimumque supplicium*. *ibid* 2:5.165.) Josefo a denomina de "a mais lamentável das mortes", (*Jewish War*, 7:203.) Antes de morrer, Jesus comparou os difíceis sacrifícios do Evangelho a "tomar sobre si a cruz." (Mateus 16:24.)

Referências à crucificação, encontradas em escritos antigos, demonstram a exatidão dos Evangelhos no tocante a seus detalhes físicos. Conforme afirma o prefácio do Evangelho de Lucas, as narrativas do Novo Testamento referentes à vida e morte de Cristo são provenientes de testemunhas oculares, ou de pessoas que investigaram o que elas disseram. Após haver sido sentenciado à morte pelo governador que acedera às exigências dos judeus, Jesus foi forçado a levar sua "cruz". Essa prática pode ser melhor verificada e definida nas fontes de informação antigas. Elas sugerem que, embora o poste vertical da cruz estivesse provavelmente no local de execução, o condenado era obrigado a levar a trave horizontal. A palavra grega "stauros", traduzida por "cruz", também significa "estaca", e sem dúvida poderia ser usada para descrever partes isoladas da cruz bem como o seu todo. Um título, igual ao que foi colocado sobre a cabeça de Jesus, também aparece ocasionalmente nas descrições antigas.

Os Evangelhos são explícitos quanto ao Senhor ter sido "pregado à cruz" (o significado literal de "crucificação".) Quando ressuscitou, Jesus mostrou suas mãos, pés e lado, obviamente distinguindo as partes de seu corpo que haviam sido transpassadas na execução. Tomé, devido ao seu ceticismo, teve o privilégio de ver e tocar "os sinais dos cravos" das mãos de Jesus. (Ver João 20:25.) Numerosas referências antigas relatam a "pregação" de prisioneiros na cruz, inclusive uma experiência de Josefo depois de render-se aos romanos. Observando a crucificação de compatriotas capturados, ficou horrorizado ao ver três de seus amigos pendurados agonizantes na cruz. Tomado de profunda emoção, intercedeu junto ao General Tito, o comandante-chefe, o qual ordenou que fossem libertados da cruz e recebessem o melhor tratamento possível. Apesar disso, dois deles morreram, enquanto eram tratados pelos médicos, o que ilustra vividamente o trauma físico provocado pelo açoitamento preliminar infligido à vítima, culminando por pregarem o condenado na cruz, pelas mãos e pés com pregos. Apenas

amarrar um homem à cruz provavelmente não produziria um resultado tão brutal.

Os pés de Jesus foram transpassados? O Evangelho de Lucas registra o convite do Senhor para que examinassem “minhas mãos e meus pés”, indicando evidentemente que neles havia marcas identificadoras. (Ver Lucas 24:39.) Mas algumas mentes acham que isso não é evidente. Um artigo publicado em 1932, na **Harvard Theological Review**, afirmou ser improvável que nas crucificações romanas, metessem pregos nos pés”. Mas uma pessoa pode tornar-se o cético dos céticos, ao ler as palavras de Tertuliano (160-230 A.D.), um líder da igreja latina, que provavelmente testemunhou o suplício da crucificação. Após citar Salmos 22:16, “transpassaram-me as mãos e os pés”, ele simplesmente afirma que isto “é a crueldade especial da cruz.” (**Against Marcion** 3:19.) O Senhor ressurreto deixou explícito no Livro de Mórmon o que está apenas implícito no Novo Testamento: “tocar as marcas que os cravos fizeram em meus pés e minhas mãos, a fim de que possais saber que eu sou o Deus de Israel.” (3 Néfi 11:14.) As revelações modernas também falam de “as impressões dos pregos nas minhas mãos e pés.” (DeC 6:37.)

O primeiro exemplo arqueológico de crucificação evidencia a prática de transpassar os pés. No interior de diversas grutas-túmulo encontradas perto de Jerusalém, numerosos ossários, ou caixas de pedra para depositar os ossos depois que o corpo se decompôs em um sepulcro, foram descobertos no verão de 1968, e relatados em 1970, no **Israel Exploration Journal**. V. Tzaferis, que analisou a cerâmica mortuária, datou essas tumbas como sendo do primeiro século antes ou depois da era cristã — provavelmente entre 1 a 70 A.D. O Dr. N. Haas, professor de anatomia, fez um comentário detalhado sobre os restos do esqueleto de Jeoanan, que trazia certas marcas de crucificação. A evidência mais impressionante foi um cravo de dezoito centímetros transpassando os dois ossos do calcanhar de Jeoanan, com um pedaço de madeira de oliveira na ponta. Até os

dias atuais, a maior parte dos eruditos aceitam a opinião do Dr. Haas, de que a vítima foi transfixada à cruz pelos calcanhares. Essa evidência, contemporânea de Jesus, sugere que os pés eram transpassados nas crucificações feitas na Palestina.

Esse achado recente apresenta dois outros aspectos importantes; o primeiro, sobre a questão de onde os cravos eram fixados nas mãos. O Novo Testamento fala de sinais nas mãos de Jesus. Embora a palavra “mão” seja um termo inexacto na antiga literatura grega, ele geralmente é tão preciso quanto a palavra inglesa **mão** encontrada no período do Novo Testamento. Particularmente em o Novo Testamento, a palavra **mão** jamais se refere ao antebraço ou ao pulso, quando usada especificamente. Haveria cravos adicionais? O Dr. Haas observou que o osso rádio direito dos restos de Jeoanan (o osso superior do braço, quando os braços estão estendidos) tinha um corte superficial e um desgaste bem distinto. Ele considerou o primeiro como talho inicial provocado pelo cravo, e o segundo decorrente das contorções da vítima na cruz. Essa “marca” no osso situava-se entre os dois ossos do antebraço, num local estruturalmente mais sólido para a fixação de um cravo. Essa evidência, juntamente com uma leitura estrita do Novo Testamento, indica que tanto a mão como o pulso poderiam ter sido transpassados.

Ao ler essas observações, não devemos pensar que todo o peso do corpo da vítima era suportado pelos cravos fixados nos antebraços ou mãos do suplício. Baseando-se em o Novo Testamento, Justino, o Mártir (100-154 D.C.), oficial da igreja latina, fala de uma saliência existente no meio da trave vertical da cruz, que apoiava todo o peso da vítima. (**Dialogue** 91:2.) Nesse rustico “assento”, Irineu (130-175 D.C.), oficial da igreja grega, um contemporâneo de Justino, diz que “descansa a pessoa que é transfixada pelos cravos.” (**Against Heresies** 2:23.4.) Em outras palavras, não eram os cravos que de fato suportavam o corpo, mas sim a sela improvisada. Tertuliano chamava essa característica

de “assento saliente”. (**Ad Nationes** 1:12.) Embora isto não seja uma evidência específica do Novo Testamento, esses primitivos eruditos conheciam as práticas antigas habituais que tinham o propósito de prolongar a morte nas torturas punitivas.

Um aspecto final do achado de Jeoanan adapta-se perfeitamente às informações contidas em o Novo Testamento. Neste, o drama das três crucificações culmina com o pedido dos judeus de que terminassem aquele horrível trabalho antes do pôr do sol, que assinalava o início do Sábado. O esquadrão de soldados descobriu que Jesus já estava morto, e apressou a morte dos dois ladrões, quebrando-lhes as pernas, punição romana normalmente associada à crucificação. Jeoanan também havia recebido um tratamento semelhante, pois seus três ossos da canela que restaram estavam fraturados diagonalmente, de modo identificado pelo Dr. Haas como característico de fratura em vida.

Todos os particulares que cercam a crucificação de Jesus, descritos em o Novo Testamento, encontram impressionante confirmação nas práticas antigas conhecidas. A arqueologia agora fala do assunto, acrescentando uma confirmação esclarecedora à história escriturística. Ao sintetizar essa evidência, seria sábio não pensarmos que a crucificação era um método rigidamente idêntico em todos os casos, impressão erroneamente transmitida por muitos artigos que tratam do assunto. Mesmo do ponto de vista humano, Jesus pode ter sido tratado de maneira bem mais rigorosa que os outros dois homens que o acompanharam naquele suplício, visto que morreu antes de seus companheiros. Mas, uma revisão da antiga prática da crucificação é mais do que um simples estudo de história ou arqueologia — é também um estudo feito com gratidão por todo aquele que consegue captar pelo menos um lampejo físico do que o Senhor fez pelos homens.

O Dr. Richard Lloyd Anderson é professor de História e Escritura Antiga na Universidade Brigham Young. É membro da Ala de Pleasant View I, Estaca Sharon Leste, Provo, Utah.

Pai Léhi: Profeta e Patriarca

Marshall R. Craig



O Livro de Mórmon começa com Léhi — sua visão da destruição de Jerusalém, a jornada de sua família pelo deserto, e sua viagem para a América; mas porque foi seu filho quem escreveu a narrativa, freqüentemente deixamos de notar o papel predominante de Léhi como profeta e patriarca nesse êxodo dirigido pelos céus; porque Néfi nos está contando uma história de seus próprios atos, seu próprio “reinado e ministério.” (1 Néfi 10:1.) Assim, Léhi, o homem cujos atos deram início à magnífica saga do povo do Livro de Mórmon, permanece na obscuridade, com sua personalidade menos claramente definida do que a de Néfi, Jacó e outros personagens principais dessa Escritura.

Léhi foi um grande profeta. As experiências por que passou, cumprindo a missão ordenada por Deus,

igualam-no aos outros profetas. Ele mostra um completo devotamento, sujeição à vontade de Deus, e firme determinação de seguir os ditames do Senhor, que procuramos no ideal de um profeta. Em resposta a sua sincera oração, Léhi é chamado dramaticamente a profetizar através da visão de uma coluna de fogo. Como Sofonias e Jeremias, ele profetizou a destruição de sua pátria, e, como muitos profetas do Velho Testamento, predisse a vinda do Messias. Foi rejeitado pelos que o ouviram, ameaçada sua vida, e, como Abraão e Moisés, abandonou a terra natal para estabelecer uma nova nação.

Mas Léhi é mais do que um profeta “típico”. Apesar do fato de não termos muita informação a seu respeito, ele é um homem cuja personalidade podemos conhecer, pelo menos em parte. O próprio Léhi nos dá uma chave para descobrirmos seu caráter. Quando Sariah, supondo que seus dois filhos haviam “percido no deserto”, o acusou de ser um “visionário”, Léhi concorda: “Sei que sou visionário, pois que, se não houvesse visto as coisas de Deus numa visão, nunca saberia da bondade de Deus e teria permanecido em Jerusalém, morrendo com meus irmãos.” (1 Néfi 5:2, 4.)

Os sonhos e visões são um fator predominante na vida de Léhi; ele é chamado pelo Senhor numa visão em que vê Cristo e doze apóstolos (1 Néfi 1:6-14.) Em outra profecia, prediz o cativoiro na Babilônia, o ministério do Messias e a pregação do Evangelho aos gentios. (1 Néfi 10:3-14.) Até mesmo a jornada para o deserto foi ordenada num sonho. (1 Néfi 2:1-3.) Em outros sonhos, Léhi recebeu o mandamento de enviar seus dois filhos de volta a Jerusalém, para obter as placas de Labão, e mais tarde para persuadir Ismael, seus filhos e filhas a segui-lo. (1 Néfi 3:2-4; 7:1-2.)

Léhi não faz distinção entre sonhos e visões. Ele começa seu relato concernente à árvore da vida, dizendo: “Eis que sonhei, ou melhor, tive uma visão.” (1 Néfi 8:2.) Ele é de fato um “visionário.”

Léhi não foi o único profeta de sua época cujo nome o Velho Testamento esqueceu. Néfi diz que pouco antes de seu pai haver sido chamado, “apareceram muitos profetas, sim, nesse mesmo ano, concitando o povo ao arrependimento, pois, do contrário, a grande cidade de Jerusalém seria destruída.” (1 Néfi 1:4.) Estes contam-se entre os mensageiros de Deus, conforme diz a Bíblia, dos quais o povo zombaria, faria mofa e cujas palavras desprezaria. (II Crônicas 36:15-16.) Nenhum profeta que visualiza além da situação imediata até a queda de uma nação é popular junto ao povo daquela nação; e a maior parte das vezes, infelizmente, é ignorado.

A maioria dos profetas que falaram pelo Senhor naquela época seguiu para o cativoiro juntamente com os judeus ou acomodou-se com os babilônicos. A carreira profética de Léhi, no entanto, foi sustada pelo Senhor, quando ainda se encontrava ao meio, pois ordenou-lhe que partisse. Aparentemente ele jamais vacilou. Confiava somente no Senhor, e deixou

uma tarefa importante e perigosa, para iniciar outra que o era muito mais. Não mais tentaria modificar uma nação. Ele agora criaria uma; levantaria um povo justo para o Senhor.

A família de Léhi sempre fora importante para ele, mas agora todo o seu chamado se concentrava em seus filhos e na progênie deles. Sua missão era para com os próprios filhos e filhas, sem nenhuma distração. Subitamente o papel de patriarca e profeta se tornou um só. Foi para o benefício de sua "semente", que recebeu o mandamento de mandar seus filhos buscarem as placas de Labão. (1 Néfi 5:19), e quando pediu a Ismael e sua família que participassem da sua jornada, estava escolhendo as mães que ajudariam a moldar sua justa progênie. (1 Néfi 7:1-2.) E, no final de sua vida, quando soube por uma visão que Jerusalém havia sido destruída, não chorou pela cidade que tanto amara e servira. Ao invés disso, lembrou aos filhos que viviam numa "terra da promessa, uma terra que foi escolhida entre todas as outras." (2 Néfi 1:5.) Ele fora um profeta para sua família, e estava satisfeito com isso (2 Néfi 1:14-15.)

A palavra "visionário" soa para nós como um homem que não é prático; um sonhador não parece ser a pessoa indicada para realizar tarefas que requeiram decisão, energia e integridade. Mas os sonhos de Léhi não eram devaneios. Eram a palavra do Senhor dirigida a um de seus poucos filhos fiéis e bastante fortes para obedecer-lhe em todas as coisas. Não foi um homem fraco que dirigiu sua família tomada de discórdia através do deserto. Néfi deixa claro que não importa quão perto do Senhor ele estivesse, as revelações que orientavam a família para onde deveria ir, sempre eram dadas a Léhi. O Senhor lhe falou "durante a noite e lhe ordenou que no dia seguinte prosseguisse em sua viagem pelo deserto." (1 Néfi 16:9.) A "esfera esmeradamente trabalhada" que os orientou no caminho que deviam seguir, apareceu diante da tenda de Léhi. (1 Néfi 16:10.) Quando o arco de Néfi quebrou e ele fez outro para manter o grupo vivo, dirigiu-se a seu pai para saber aonde deveria ir para arranjar alimento. (1 Néfi 16:23-26, 30-31.) E embora o Senhor tenha falado com Néfi, ordenando-lhe que construísse um navio (1 Néfi 17:8), foi Léfi quem recebeu a orientação do Senhor para que entrasse nele e iniciasse a viagem. (1 Néfi 18:5.)

Léhi era um homem digno demais para ressentir-se da crescente liderança de Néfi. Rejubilou-se que um de seus filhos estivesse seguindo o Senhor de maneira tão fiel. Néfi era alvo de toda a confiança do pai quando, "sendo muito velhos (Léhi e Sariah), tendo sofrido muito por causa de seus filhos, ficaram doentes, a ponto de terem de ficar de cama... haviam quase chegado ao ponto de serem levados desta vida para se encontrarem com seu Deus." (1 Néfi 18:17-18.) Deve ter sido um conforto para Léhi ver seu digno filho dirigir o navio durante o resto da viagem em direção à terra prometida, e, quando viu Néfi parar o vento e acalmar a tempestade, soube que o Senhor havia levantado um líder para a próxima

geração. (1 Néfi 18:21-22.) Ele aconselhou seus filhos: "Não vos rebeldes mais contra vosso irmão, cujas visões têm sido gloriosas e que tem guardado os mandamentos... ele não procurou poder e autoridade sobre vós, mas a glória de Deus e o vosso eterno bem-estar... e é necessário que o poder de Deus esteja com ele, para que possa mandar-vos e ser por vós obedecido." (2 Néfi 1:24-25,27.)

Contudo, mesmo quando Néfi assumiu gradualmente a liderança, Léhi permaneceu como o patriarca até o dia de sua morte. Apesar de todas as disputas e dissensões que havia na família, seus filhos não se separaram senão após o falecimento de Léhi (2 Néfi 4:12-13, 5:5.)

Como Abraão, Isaque e Jacó, Léhi foi um profeta conhecido apenas por seus filhos; mas através deles, influenciou muitas nações durante milhares de anos. Ele também se dirige a nós, nas palavras endereçadas a seus filhos: "Enquanto guardardes meus mandamentos, prosperareis na terra; mas, se os rejeitardes, sereis afastados de minha presença." (2 Néfi 1:20.) Ele explica um princípio fundamental de progresso: "Porque é necessário que haja oposição em todas as coisas." (2 Néfi 2:11.) E então aplica esse mesmo princípio à queda do homem: "Se Adão não houvesse transgredido, não teria caído e teria permanecido no jardim do Éden, "e ele e Eva" não teriam tido filhos; portanto, teriam permanecido num estado de inocência, não tendo alegria, por não terem conhecido a miséria; não fazendo o bem, por não conhecer o pecado." (2 Néfi 2:22-23.)

Léhi foi um homem forte, não porque confiava em sua própria riqueza, poder ou talentos, mas porque confiava plenamente no Senhor. Desde que recebeu suas primeiras visões até o final de sua vida, Léhi expressou essa confiança. A maior alegria de sua vida era proveniente das obras de Deus, e ele exclamou: "Grandes e maravilhosas são as tuas obras, ó Senhor Deus Todo-Poderoso! Alto nos céus está o teu trono, e teu poder, bondade e misericórdia se estendem sobre todos os habitantes da terra; e, porque és misericordioso, não permitirás que pereçam aqueles que vierem a ti!" (1 Néfi 1:14.)

Embora tenha sofrido muitas vezes em sua vida por seguir o Senhor, obteve uma recompensa maior do que muitos homens que exteriormente parecem ser mais felizes e bem sucedidos. Pouco antes de morrer, disse: "Eis, porém, que o Senhor redimiu a minha alma do inferno; eu vi a sua glória e estarei eternamente cercado pelos braços de seu amor." (2 Néfi 1:15.) Ele seguiu suas visões durante toda a sua vida, sabendo que o doador daqueles sonhos eventualmente lhe daria a vida eterna, onde, juntamente com os membros de sua família que o seguissem, provaria do fruto branco do amor de Deus para sempre. (1 Néfi 8:11,13,16; 11:21-22.)

Marshall R. Craig, professor de inglês da Universidade Brigham Young, é um sumo conselheiro da Estaca Kolob Springville Utah.

Néfi, Um Homem Universal

Allen E. Bergin

Néfi era essa rara combinação: um grande profeta e também o fundador de uma nação. Como profeta, sucedeu a seu pai, Léhi, como líder espiritual na América antiga, e estabeleceu o fundamento para o nível de retidão posteriormente alcançado pelos nefitas. Como governante de uma nova nação, era tão amado por seu povo, que, quando “ungiu um homem para ser rei e regente de seu povo”, este insistiu em que seus sucessores fossem chamados de Néfi II, Néfi III, e assim por diante.” (Jacó 1:9-11.) Sua influência foi tão grande, que durante mil anos, o povo se denominou de **nefitas**. Já quase no final daquele milênio, Mórmon sentiu orgulho em declarar-se descendente de Néfi. (Mórmon 1:5.)

Como Enoque, Moisés, Joseph Smith e Brigham Young, Néfi guiou seu povo para a segurança física, organizou-o numa nova sociedade, e permaneceu à testa de uma era singular da história escriturística.

Como Enoque, Moisés e Joseph Smith, recebeu visões panorâmicas e grandes poderes espirituais, inclusive a visitação do Senhor. (1 Néfi 2:16; 2 Néfi 11:2-3.) E como José, o filho de Israel, sua retidão fez com que seus rebeldes irmãos mais velhos tentassem matá-lo. (Ver Gênesis 37:18-20; 1 Néfi 7:16; 16:38; 2 Néfi 5:4.) Contudo, como todos os profetas de Deus, Néfi cumpriu corajosamente a vontade do Senhor, fazendo o que lhe era ordenado.

Caráter e Personalidade

Ao nos familiarizarmos com sua estatura espiritual, entretanto, muitas vezes deixamos de reconhecer que Néfi foi um dos “homens universais” da história deste mundo, uma pessoa de múltiplos talentos e habilidades. Dirigiu o estabelecimento de uma grande civilização no Novo Mundo (2 Néfi 5:6, 10-11, 13.); possuía a intelectualidade, aptidão, discernimento e capacidade de liderança que o classificam



entre os maiores colonizadores de todos os tempos. Geralmente não lhe aplicamos o termo “pioneiro”, mas deveríamos. De fato, tanto nesse sentido como em outros, ele parece identificar-se um pouco com Moisés em diversos pontos de seus escritos. (1 Néfi 4:2, 17:23-47.) Essa analogia parece perfeitamente adequada, pois ambos foram não só grandes colonizadores, mas também possuíam enorme capacidade espiritual; ambos tiveram visões e escreveram escrituras que causaram grande impacto, tanto em suas próprias como em outras civilizações.

Néfi não apenas refinou pessoalmente o minério, como fez os moldes e placas de metal em que escreveu, e foi um hábil artesão em uma dúzia de outras áreas. (1 Néfi 19:1.) Quando seu arco de aço quebrou, fabricou um de madeira. (1 Néfi 16:23.) Instruído pelo Senhor, fundiu metais e com eles fabricou ferramentas, e construiu um navio “extremamente bem executado.” (1 Néfi 17:16; 18:1-4.) Estabeleceu uma cidade na terra prometida, construiu um templo “segundo o modelo do templo de Salomão,” e ensinou seu povo a construir edifícios e a trabalhar em “madeira, ferro, latão, cobre, aço, ouro, prata e metais preciosos.” (2 Néfi 5:15-16.) Fabricou armas para defender seu povo, usando a espada de Labão como modelo. (2 Néfi 5:14.) E, numa terra em que os lamanitas se tornaram um “povo indolente”, que subsistia da caça, Néfi fez com que seu povo fosse industrioso e trabalhasse com suas mãos. (2 Néfi 5:17,24.) Tudo isso ele conseguiu fazer num ermo virgem, sem qualquer auxílio de outra civilização.

Não temos qualquer retrato de Néfi, mas sabemos que era alto e forte (1 Néfi 4:31), e um excelente caçador (1 Néfi 16:31-32.), que não se lamentava, apesar de dores e privações. Um hábil guerreiro, foi “um grande protetor” de seu povo, tendo empunhado a espada de Labão em sua defesa. (Jacó 1:10.)

Assim como a retidão de Abel provocou o ódio de Caim, a retidão de Néfi foi o motivo do ódio de Lamã e Lemuel.

A pureza de Néfi, o amor que seu pai lhe dedicava, e a maneira como vivia próximo ao Senhor, devem ter sido um constante motivo de irritação para seus dois irmãos, pois, quando se comparavam a ele, sempre viam qualidades que lhes faltavam. Muitas vezes foram forçados a se humilhar: por um anjo (1 Néfi 3:29), por sua própria consciência, quando a esposa de Ismael e uma filha e um filho lhes imploraram (1 Néfi 7:19-20), pelas palavras do Senhor escritas na Liahona (1 Néfi 16:27), pela voz e poder de Deus (1 Néfi 16:39, 17:54-55), e finalmente por uma tempestade no mar. (1 Néfi 18:13-16.) Mas sua memória era fraca, e sua humildade nunca foi suficientemente forte para sufocar o orgulho. Rebelaram-se novamente, ainda mais depressa do que se haviam “arrependido.”

Como todos nós, Lamã e Lemuel nasceram com algumas predisposições de personalidade desenvolvidas na preexistência. Não podemos atribuir suas reações à retidão de Néfi apenas como uma gritante rivalidade. Nem podemos julgar a firmeza de Néfi como farisaísmo ou arrogância para com seus irmãos. Néfi, com a maneira direta que lhe é característica,

acusou-os: “Sois, pois, assassinos em vossos corações... sois rápidos em cometer iniquidades, porém vagarosos em lembrar-vos do Senhor vosso Deus.” (1 Néfi 17:44-45.) O conflito ocorre numa escala cada vez maior. É a expressão humana e mortal da rivalidade entre o certo e o errado. As forças antagônicas são por ele aumentadas, até que as diferenças se tornam inconfundíveis. Muitas vezes penso que Néfi foi inspirado a documentar detalhadamente essa oposição como uma lição para toda a humanidade.

Há outra virtude no caráter de Néfi que sempre me serviu de exemplo: Ele não ficou magoado com os irmãos; isto é, parece não ter guardado ressentimentos. O amor seguia-se às advertências e exortações. Sentimos um pouco de seu pesar quando os irmãos rejeitaram o convite para abraçar o Evangelho de Jesus Cristo: “Eu lhes perdoei completamente tudo o que me haviam feito,” diz, falando de sua vida pregressa (1 Néfi 7:21), e, anos mais tarde, escreveu: “Rogo por ele (o povo) continuamente durante o dia, e meus olhos molham meu travesseiro durante a noite por causa dele.” (2 Néfi 33:3.)

É um fato esclarecedor para os pais e filhos dos dias atuais observar que Néfi, apesar de sua precocidade, obedecia sempre a seu pai. Observava todas as regras de decoro em relação ao papel patriarcal de Léhi; acreditava em tudo o que ele lhe declarava e sempre procurava sua orientação antes de lançar-se em seus inspirados empreendimentos. Ao mesmo tempo, Léhi mostrava elevado respeito — até mesmo deferência — por Néfi, reconhecendo que havia verdadeira grandeza em seu filho. Aqui temos um padrão exemplar para todos os pais e filhos, que não foi obscurecido de forma alguma com o passar dos séculos, mas que se torna ainda mais relevante em nossos dias, nos quais existe a dissolução do amor e autoridade adequada em muitas famílias modernas.

Espiritualidade

Podemos aquilatar o dom espiritual incomum de Néfi, ao examinarmos os dons, mensagens e poderes especiais que recebeu. Como aconteceu a Joseph Smith, ele obteve conhecimento espiritual numa “idade excessivamente jovem” e uma previsão de seu destino. (1 Néfi 2:16-22.) Como o Profeta Joseph, tinha “grande desejo de conhecer os mistérios de Deus, clamei ao Senhor; e eis que ele me visitou.” (1 Néfi 2:16.) E também o Senhor “falou comigo e disse:... serás conduzido a uma terra de promessa... (e) serás o governador e mestre de teus irmãos.” (1 Néfi 2:20-22.) Ele conhecia o seu chamado divino, mesmo antes de receber as placas de Labão.

Então se seguiu uma série de revelações e dons de poder, que situam Néfi entre os grandes profetas de todas as épocas:

“Elevei minha voz ao alto; e anjos desceram e me serviram.

“E, sobre as asas de seu Espírito, meu corpo foi carregado sobre montanhas mui altas. E meus olhos viram grandes coisas, sim, demasiadamente grandes para o homem; fui, portanto, proibido de as escrever.” (2 Néfi 4:24-25.)

Fé

Não é fácil avaliar a extensão e profundidade da fé que esse grande homem possuía, uma fé tão forte, que as características comuns parecem obliterar-se por uma avassaladora influência celestial. A maioria de nós não pode imaginar o que significa ser transportado aos cumes das montanhas, ou abalar nossos inimigos apenas apontando o dedo para eles, ou ver 2600 anos futuro adentro. Mas a fé em Néfi era suficiente para operar tanto essas maravilhas físicas, como as visitas que freqüentemente associamos ao chamado profético.

O Senhor pode falar e falará também conosco, se exercermos a nossa fé da mesma forma como Néfi, e, se formos similarmente humildes e “quebrantados de coração”, poderemos obter forças para enfrentar nossos problemas como Néfi conseguiu — e poucas pessoas da história tiveram maiores problemas do que ele.

O Testemunho de Néfi Quanto a Cristo

Néfi não somente exerceu uma fé total, mas a concentrava corretamente em Jesus Cristo.

Em minha opinião, não há nada mais poderoso nas primeiras 140 páginas do Livro de Mórmon do que o testemunho constante de Néfi a respeito de Jesus; de que ele é “o CRISTO, o ETERNO DEUS, manifestando-se a todas as nações.” Recordo claramente como, há alguns anos, quando era ainda um jovem investigador universitário, li e reli esses desafiantes testemunhos. Minha reação inicial havia sido cética, até mesmo cínica, e escrevi observações críticas nas margens do livro, à medida que o lia, comentando sua fraqueza de lógica, gramática e filosofia. Quando cheguei a essas duas últimas páginas (2 Néfi 33), entretanto, fiquei surpreso com o poder das palavras de Néfi. Pareceram penetrar em meu cérebro e confundir meu raciocínio, antes sistemático e crítico. Não podia evitar o impacto de suas palavras. Era uma sensação quase física, como se Néfi estivesse usando em mim sua técnica de choque, apontando-me o dedo e abalando minha mente. Li suas palavras repetidas vezes, e elas pareciam esmagar-me. Lenta e involuntariamente, um doce sentimento tomou conta de mim, o qual posteriormente reconheci como o Espírito de Cristo, o testemunho de sua realidade e amorosa presença.

Depois de uma saudável dose de arrependimento, fui batizado; e desde aí, tenho relido aquele capítulo, talvez uma centena de vezes. Ali, em poucas palavras, encontramos a plenitude de um verdadeiro testemunho, escrito por um homem idoso que esteve no estafante e envolvente serviço do Senhor durante cinqüenta e cinco anos.

Não existe um meio de captar o sentimento contido nesse capítulo citando apenas parte dele; portanto, recomendo-o a todos os leitores, para que tenham uma experiência incomum, edificante e renovadora. Recomendo-o especialmente aos não-membros da Igreja, particularmente de descendência lamanita, pois creio que o coração de Néfi estava poderosamente voltado para eles, ao escrever com sua mente fixa na visão referente aos últimos dias. Se já existiu poder espi-

ritual encerrado em palavras escritas, ele se encontra ali. Acho que meu próprio conhecimento acerca de Jesus Cristo aumentou imensuravelmente lendo essas mensagens da Escritura. Elas me prepararam durante aqueles dias de faculdade, para ganhar uma expansão espiritual, à medida que continuei a ler e a orar. Os sentimentos que os escritos de Néfi provocaram em minha vida pessoal, a vida de um homem simples, demonstram por que esses escritos de ouro foram feitos, preservados e trazidos à luz.

Um Homem Universal

A meu ver, Néfi foi um homem notável, muito além de qualquer outro da humanidade, em sua visão e realizações. Assim, ele me transmite a imagem de ter sido quase um super-homem. Mas devemos notar suas profundas expressões de humanidade, quando lamenta sua fraqueza:

“Oh! Que homem miserável sou! Sim, meu coração se entristece por causa de minha carne; minha alma está angustiada por causa de minhas iniquidades. Estou todo rodeado de tentações e pecados, que tão facilmente me envolvem.” (2 Néfi 4:17-18.)

Nessa lamentação poética, Néfi desvenda espontaneamente um outro eu, um homem que possuía fraquezas, um homem que não aparece em qualquer outro lugar de seus escritos. Essa franqueza é um fato profundamente encorajador para leitores como eu, que esperam melhorar, mas nos encontramos de tal maneira ofuscados pela perfeição de Néfi, que simplesmente duvidamos de nossa capacidade de igualar-nos a ele. Néfi nos transmite força suficiente para dar-nos esperanças de que também podemos alcançar o autodomínio. Algumas pessoas podem imaginar que “iniquidades ocultas” deram origem a essa confissão. Inclino-me a pensar que não tinha nenhuma, e sim, lamentava sua ira contra os inimigos, e estava perdendo as forças por causa de suas aflições. Considerando Néfi à luz de sua habilidade de dedicar-se literalmente à retidão, mesmo em condições extremamente adversas, essas modestas vulnerabilidades, sérias em seu modo de julgar, somente aumentam sua estatura espiritual aos meus olhos.

Néfi é, portanto, o ser humano quase completo — profeta, instrutor, governador, colonizador, construtor, artífice, intelectual, escritor, poeta, líder militar, pai de nações, filho, esposo, e uma fonte de energia física. Comparado ao resto da humanidade, ele se encontra na posição que merece, na companhia dos maiores homens de todas as épocas. Foi incomparável, um homem universal que escolheu ser um servo do Senhor, acima de todas as coisas. Poucas pessoas falaram tão bem em benefício de uma época futura.

“E agora, meus queridos irmãos, e também vós outros, judeus, e todos os extremos da terra, ouvi estas palavras e acreditai em Cristo;... porque são as palavras de Cristo;... e elas ensinam que todos os homens devem fazer o bem.

“E oro ao Pai, em nome de Cristo, para que muitos de nós, senão todos, sejamos salvos no seu reino, naquele grande e último dia... .

“Eu vos falo com a voz de quem clama do pó: Adeus, até que venha aquele grande dia.” (2 Néfi 33:10, 12-13.)

Mary Ann acariciou o tecido cor-de-rosa: — Imaginem só, agora que já tenho quase doze anos de idade, terei o meu primeiro vestido novo de Páscoa!

A mãe sorriu ao retirar a forma enegrecida do forno do velho fogão a carvão, e colocou quatro pães fumegantes sobre a mesa.

— Será o vestido mais bonito que já fiz, Mary Ann. Você tem sido muito paciente, sem nunca reclamar, — disse a mãe.

A mãe embrulhou os pães quentes num pano de prato branco. — Você acha que pode levar estes

O Vestido de Páscoa Cor-de-Rosa

por Dora D. Flack



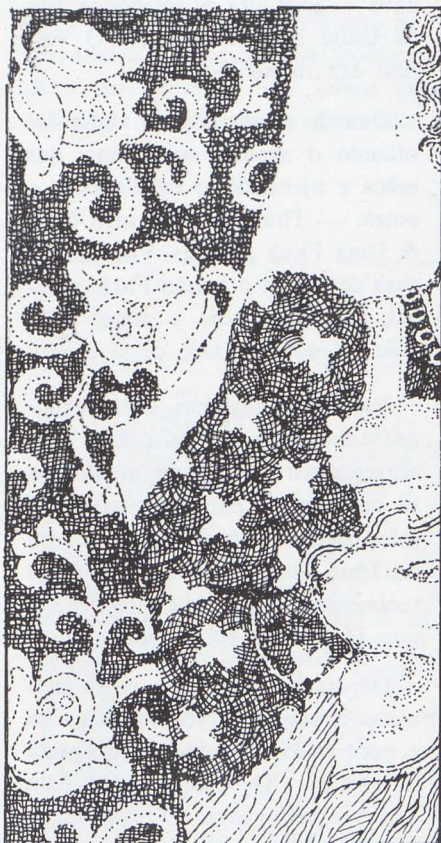
pães para os Fitches, sem amassá-los, querida?

— Sinto-me meio sem graça, levando coisas à casa de Marta. Não sei como falar com ela.

A mãe suspirou: — Marta precisa de uma amiga. Notei que nenhuma das garotas se dá com ela.

— Terei que levar toda a fornada? Não ficaremos nem mesmo com um pão quente para o jantar?

— Não, querida, a Irmã Fitch está muito doente, e Marta ainda não aprendeu a fazer pão. Preciso ir até lá para ensiná-la, — con-





tinuou a mãe, quase para si mesma. — Ela vai ter que cuidar da família...

— Você quer dizer que a mãe dela nunca mais ficará boa? — interrompeu Mary Ann.

— Temo que não, e tenho certeza de que Marta sabe disso. Talvez seja por isso que ela tenha dificuldade para conversar. Agora, leve esse pão bem depressa, para que esteja de volta antes do anoitecer.

Mary Ann foi chutando os pedregulhos durante todo o caminho. O calor do pão e o seu gostoso aroma fizeram com que sentisse fome. — Isto é tudo o que eu faço, — pensou ela, — levar coisas boas de nossa cozinha para alguém, e depois temos que ficar fazendo economias. Acho que mamãe não poderia fazer bem o seu trabalho de presidente da Sociedade de Socorro sem nosso auxílio, — consolou-se ela.

O trinado de uma calhandra empoleirada no mourão de uma cerca interrompeu os pensamentos de Mary Ann. As árvores que margeavam o canal estavam recobertas de um verde primaveril, fazendo-a recordar que a Páscoa seria no próximo domingo, e que estaria usando roupa nova na Igreja. Então começou a pensar em Mar-

ta, e um sentimento de tristeza tomou conta dela.

Quando Marta abriu a porta, Mary Ann pôde notar que estivera chorando.

— Mamãe achou que vocês gostariam de uma fornada de pão fresco, — disse Mary Ann, colocando os pães sobre a mesa da cozinha.

Marta aproximou-se e aspirou para sentir todo o aroma dos pães. — Sua mãe sempre sabe quando precisamos de alguma coisa, — disse ela gratamente.

— Mamãe disse que você precisa visitar-nos, para que ela lhe ensine a fazer pão, — disse sorrindo Mary Ann, tentando ser amigável. Então outro pensamento veio à sua mente, e acrescentou: — Vocês têm algo mais para comer, não é mesmo?

— Oh, sim, mamãe ensinou-me a fazer sopa de batata e cebola de nossa despensa, — esfregava as mãos nervosamente na frente de seu vestido. — Não sei cozinhar muito bem, mas estou aprendendo.

Um ruído veio do quarto, e Marta voltou-se para ir atender. — Mamãe está chamando. Agradeça a sua mãe pelos pães.

Mary Ann saiu e voltou correndo para casa.

No dia seguinte, a mãe cortou o vestido de Páscoa cor-de-rosa, e Mary Ann mal podia conter sua alegria.

Depois do jantar, quando as irmãs estavam reunidas ao redor da grande mesa da cozinha, fazendo seus deveres ao calor do fogão, Mary Ann observava a mãe, enquanto acabava de montar seu vestido. Agora, disse ela, vamos experimentá-lo.

Mary Ann colocou de lado o seu livro e foi para o quarto, onde mergulhou numa nuvem macia, cor de rosa e branca.

Naquele momento, alguém bateu à porta. — Mamãe! — chamou sua irmã, Liza. — É o Irmão Fitch. Ele quer falar com você.

Mamãe veio apressadamente atender a porta, enquanto Mary Ann se admirava no espelho. Ajeitou a delicada renda branca que adornava a gola alta e enlaçou a fita de cetim rosa na cintura. O vestido era maravilhoso!

Quando a mãe voltou, vinha desatando o avental com uma das mãos e ajeitando o cabelo com a outra. — Tire o vestido, meu bem. A Irmã Fitch piorou. Vou para a casa dela com o Irmão Fitch e talvez não volte hoje à noite. Mamãe colocou seu xale de lã e saiu.

Na manhã seguinte, Liza aprontou o desjejum, e o pai deixou seus afazeres para ajudar as meninas a se aprontarem para a escola. A mãe passara toda a noite na casa da Irmã Fitch, e Mary Ann ficou realmente preocupada quando viu que Marta não foi à escola.

Depois das aulas, as cinco meninas irromperam cozinha adentro e encontraram a mãe na máquina de costura. O vestido cor-de-rosa estava quase pronto. O aroma de galinha guisada enchia o aposen-

to. — Hummmm! — exclamaram todas em conjunto. — Galinha e macarrão para o jantar!

— Experimente seu vestido, Mary Ann, e vejamos se está bom, — disse a mãe. — Estou ansiosa por terminá-lo. — Então fez uma pausa e disse suavemente: — A Irmã Fitch faleceu esta manhã, e preciso fazer um vestido branco de funeral para ela.

— Oh, não! — lamentou Mary Ann. — Foi por isso que Marta não foi à escola hoje.

— Bem, agora todos nós temos que fazer alguma coisa para ajudar, — disse a mãe. — Liza, por favor, você poderia esticar um pouco de massa para fazer o macarrão e prepará-lo para servirmos junto com a galinha guisada? Mary Ann leve uma travessa de sopa para os Fitches jantarem. Esta noite você poderá pregar a renda no seu vestido, enquanto corto o vestido da Irmã Fitch. O enterro dela será na sexta-feira. — As meninas podiam dizer, só de olhar nos olhos da mãe, que ela já estivera chorando.

Naquela noite, Mary Ann pregou cuidadosamente a renda ao redor da gola alta, e as mangas compridas do seu vestido de Páscoa. O pano branco foi esticado sobre a grande mesa. Somente o som da tesoura quebrava o silêncio. Todos haviam ido para a cama, menos Mary Ann e a mãe.

— O funeral será depois de amanhã, Mary Ann, e estou certa de que aquele vestido cinzento é o melhor que Marta tem. Gostaria de ter fazenda e tempo para cortar um vestido novo para ela.

Mary Ann apertou por um momento o vestido contra o rosto. Estivera pensando em Marta muito antes de a mãe falar. Finalmente, disse: — Mamãe, gostaria de fazer algo especial por Marta. Seria certo se eu lhe desse meu vestido novo cor-de-rosa? Poderíamos pôr umas rendas no meu vestido branco, e ele ficaria muito bonito.

O amor brilhou no olhar da mãe, quando respondeu: — Isso seria ótimo, querida, estou orgulhoso

de que você tenha feito essa sugestão.

Apesar da decisão que tomara, Mary Ann sentiu um nó na garganta, quando terminou silenciosamente de pregar a renda no vestido cor-de-rosa de Páscoa.

Na sexta-feira, quando Marta acompanhou o caixão até a pequena capela juntamente com seu pai e irmãos, Mary Ann quase perdeu o fôlego. — Ela não está linda, mamãe? — murmurou ela.

A delicada tonalidade cor-de-rosa do vestido parecia trazer novo matiz às faces pálidas de Marta, apesar de sua tristeza. Seus cabelos negros, levemente ondulados, caíam-lhe até a altura do pescoço. Marta notou o olhar de admiração de Mary Ann, e um pequeno sorriso acanhado iluminou-lhe o rosto. Mary Ann cumprimentou-a com a cabeça, depois se voltou para a mãe e disse: — Espero que ela nunca saiba para quem foi feito o vestido, e não me importo de não ter vestido novo — acho que encontrei uma nova amiga.





A Páscoa é uma boa ocasião para agradecermos fervorosamente a nosso Pai Celestial o nascimento e ressurreição de seu Filho, Jesus Cristo, que morreu por todos nós.

Eis aqui algumas palavras do Presidente Marion G. Romney, segundo conselheiro na Primeira Presidência, testificando que o Salvador vive novamente e que seria sábio seguirmos os seus ensinamentos.

Nossa mensagem é que estamos vivendo na última e grande dispensação do Evangelho de Jesus Cristo; que Deus abriu novamente os céus; que,

através de revelação direta... ele se revelou pessoalmente e restaurou o seu Evangelho, e estabeleceu a sua Igreja com poder e autoridade para pregar o Evangelho e administrar suas ordenanças salvadoras; e que continua a dirigir atualmente, através de revelações, este grande programa, para a bênção e salvação da raça humana.

—o—

Devemos fazer tudo o que está ao nosso alcance, por preceito e por exemplo, para propagar a mensagem do Evange-

lho, a solução do Senhor para os nossos problemas, aos povos da terra, e inspirá-los a olharem para o Senhor e viver.

Jesus exerceu poder sobre todas as coisas. Curou os enfermos, restaurou os coxos, deu vista aos cegos, expulsou demônios, e levantou os mortos. Transformou água em vinho, amaldiçoou a figueira estéril, acalmou a tempestade e caminhou sobre o mar. Alimentou milagrosamente as

DE UM AMIGO PARA OUTRO JESUS CRIS



quatro e cinco mil pessoas e proveu o dinheiro para o tributo.

—o—

Creio que Jesus deu a melhor resposta possível sobre como podemos obter um testemunho. Quando ensinava no templo, na festa judaica dos Tabernáculos, os judeus, embora já estivessem conspirando para tirar-lhe a vida, maravilharam-se com seus ensinamentos, e disseram:

Como sabe este letras não as tendo aprendido?

Jesus lhes respondeu, e disse: *A minha doutrina não é minha, mas daquele que me enviou.*

Se alguém quiser fazer a vontade dele, pela mesma doutrina conhecerá se ela é de Deus, ou se falo de mim mesmo.

(João 7:16-17. Itálicos adicionados.)

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é o

reino literal de Deus na terra... nem os apóstatas internos, nem os inimigos externos conseguirão impedir o seu progresso. Ela está aqui para ficar e triunfar. Nas palavras de Morôni: *“Os eternos desígnios do Senhor hão de seguir adiante, até que todas as suas promessas sejam cumpridas.* (Mórmon 8:22. Itálicos adicionados.)

Não nos esqueçamos de que Deus vive, que somos seus filhos, e que o seu propósito é nos proporcionar a imortalidade e vida eterna. Lembremos sempre... de que tudo o que o homem aprendeu e realizou, e tudo o que aprenderá e realizará na mortalidade, é apenas uma gota de água no oceano, em comparação com o conhecimento e as obras de Deus.

CRISTO, NOSSO SENHOR E REDENTOR





O Pequeno

João queria ser um missionário, como seu irmão mais velho que estava cumprindo missão na Colômbia. Mas, como posso ser um missionário, se tenho medo de falar com as pessoas? — pensou ele.

Na semana anterior, a presidente da Primária pedira que todas as crianças fossem missionárias e trouxessem um amigo para a Primária.

— Temos uma ótima Primária, — disse ela às crianças, — mas pensem no quanto ela seria melhor, se tivéssemos mais crianças compartilhando a reunião conosco. E então pediu que levantassem a mão os meninos e meninas que achavam que poderiam trazer um amigo para a Primária na semana seguinte. João concordou. Agora ele pensava por que havia aceitado. Onde encontraria coragem para falar com alguém na escola, a respeito da Igreja?

João e Chico eram os únicos meninos SUD de sua idade na escola. Eram também os

únicos meninos da classe dos Luzeiros da Primária. Tinham uma boa professora, e João sabia que um dos motivos de haver levantado a mão, para ser um missionário, foi para agradá-la. Ele sabia que, se os outros meninos fossem, eles também gostariam da Irmã Francisca e das boas lições que ela dava.

João lembrou-se de certa ocasião em que ouviu os missionários da ala falarem durante uma reunião sacramental, a respeito da agradável emoção que sentiam quando partilhavam o Evangelho com outras pessoas. Ele também queria sentir aquela emoção. Mas, como poderia senti-la, se era tão tímido?

Pensando nisso, foi para a cozinha e sentou-se numa cadeira, perto da mesa, onde sua mãe estava pintando alguns panos de prato com tinta para tecido. João perguntou: — Essa tinta não desbota, mamãe?

— Não, meu filho. Essas tintas são feitas para não sair mais.

— Isso é muito bom. Você pode pintar tudo o que deseja nas toalhas? — perguntou.

— Isto mesmo. Você parece agitado por algum motivo, — respondeu a mãe.

Ele de fato estava agitado. Teve uma boa idéia. — Mamãe, posso pintar alguma coisa na minha camiseta amarela nova? — perguntou.

A mãe sorriu. — Não sei o que você tem em mente, mas está bem.

João voltou dentro de alguns minutos, sorrindo e agitando a camisa. Colocou-a sobre a mesa e alisou os lugares que estavam amassados. Então com um pincel e tinta preta, desenhou na parte da frente da camiseta uma grande face com dois olhos redondos e um enorme sorriso. Embaixo do desenho, escreveu: FELICIDADE É IR À PRIMÁRIA.

Quando a tinta secou, João virou a camiseta e escreveu na parte de trás, com letras bem grandes: O QUE VOCÊ SABE SOBRE A PRIMÁRIA? GOSTARIA DE SABER MAIS? Ele



mal podia esperar para usar sua camisa na escola. No dia seguinte, eles teriam uma atividade especial e poderiam usar trajes esportivos. João vestiu a camiseta e foi para a escola. Quando entrou no vestiário, diversos meninos já se encontravam lá. Quando tirou a jaqueta e pendurou-a no cabide, um deles logo notou a camisa amarela com a grande face pintada na frente e os dizeres na parte de trás. — O que está escrito na sua camisa, João? Deixe-me ler, — disse André.

João parou. Seu coração batia disparado. Num relance, ele pensou: — E se eles caçoarem de mim?

André leu os dizeres da camisa em voz alta. — Primária? — perguntou. — O que é Primária?

Ali estava sua grande oportunidade. João orou interiormente para que pudesse dizer as palavras certas. — Bem, na Primária nós aprendemos a... — Foi tudo o que pôde dizer. As palavras não lhe saíam da boca.

Subitamente, Gerson, um dos outros meninos, interrompeu: — Ei, João, não é na Primária onde você aprende escotismo e outras coisas boas de que me falava outro dia?

— Escotismo? — perguntou André. — Meu pai foi escoteiro e quer que eu também seja. Posso ir à Primária com você, João? Qualquer pessoa pode participar?

Antes que João pudesse responder, Gerson disse: — Eu também quero ir! Nunca sei o que fazer depois das aulas. Meus pais trabalham e nunca tem ninguém em casa.

João mal podia acreditar no que ouvia. Sua voz voltou e ele sentiu-se à vontade e feliz. — Certo, — disse João, — qualquer pessoa pode ir à Primária, quanto mais, melhor. A Primária é às terças-feiras, e lá aprendemos uma porção de coisas, além de escotismo. Vocês gostarão muito da minha professora. Ela é formidável.

O sinal tocou, e os meninos foram para a sala de aulas: A carteira de João ficava ao lado da de Chico, seu amigo da Primária. Quando João se sentou, Chico olhou para a camisa dele e disse: — Você acha que isso vai dar certo?

Durante o recreio, ele falou com Chico a respeito de André e Gerson. Mal podia acreditar no que havia acontecido. Chico ficou entusiasmado e queria pintar uma camisa missionária também.

— Puxa! — exclamou, — se fizermos com que toda a Primária use essas camisetas na escola, logo uma porção de garotos estarão interessados, e nossa Primária crescerá cada vez mais.

Até mesmo os meninos tímidos podem ser missionários. Basta fazer alguma coisa, concluiu João.

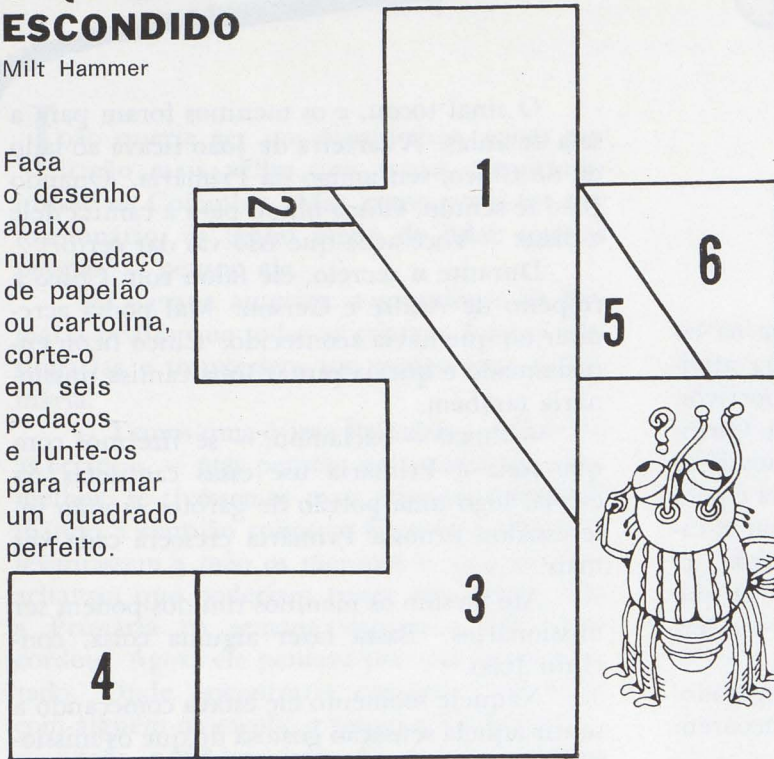
Naquele momento ele estava começando a sentir aquela sensação gostosa de que os missionários haviam falado. Eles ficarão surpresos, quando ouvirem falar da camisa missionária!



O QUADRO ESCONDIDO

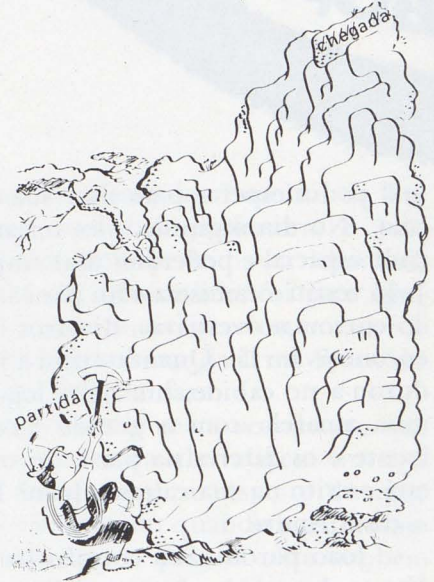
Milt Hammer

Faça o desenho abaixo num pedaço de papelão ou cartolina, corte-o em seis pedaços e junte-os para formar um quadrado perfeito.

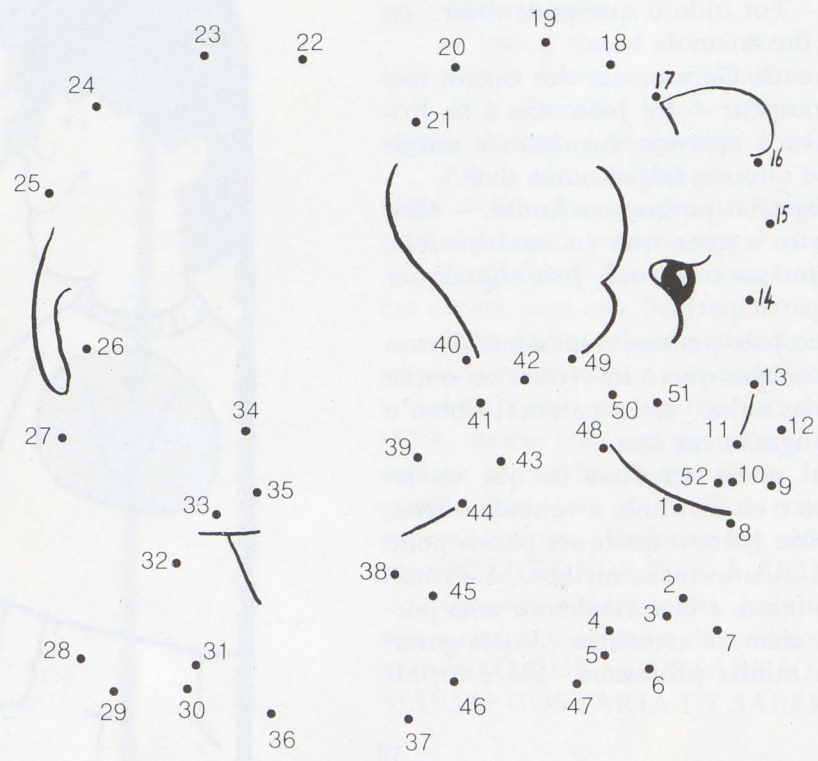


ESCALADA DA MONTANHA

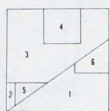
Roberta Fairall



SÓ PARA DIVERTIR



Solução do Quadrado Escondido



“Uma Pequena Amostra de Amor”

Erma Braack

Quando conheci Bert Braack, na década de 1930, ele estava chegando ao final de sua busca. Ele aceitara a admoestação da Bíblia: “Pedi e dar-se-vos-á, buscai e encontrareis; batei e abrir-se-vos-á” (Mateus 7:7.), como um convite pessoal para que orasse, o que lhe trouxe uma resposta desafiadora.

A mãe de Bert falecera quando ele tinha nove anos, e seu pai, um ateu que nada queria com religião, expulsava os pregadores que apareciam, sob a mira de um revólver. A grande família de crianças não recebeu qualquer treinamento moral ou religioso. Beber, fumar e blasfemar eram coisas comuns na vida deles.

Contudo, quando Bert alcançou a maturidade e saiu de casa para seguir seu próprio caminho no mundo, diz ele que havia um profundo anseio dentro de seu coração. Desejava desesperadamente saber se existia um Deus. E, se existia, como era ele?

Começou a frequentar diversas igrejas e a ler a Bíblia. As palavras de Mateus motivaram-no a perguntar por si mesmo, e assim, como o jovem Joseph Smith, com um desejo intenso de conhecer a verdade, ele ofereceu a sua primeira oração: “Se estais aí, Deus, fazei com que eu saiba e farei o que desejais que eu faça.” E, assim ajoelhado, conta ele, “uma grande paz me envolveu, senti meu coração arder, e uma alegria como jamais havia conhecido derramou-se sobre mim. Senti como se estivesse completamente imerso numa grande essência espiritual.”

Esse sentimento permaneceu com ele três dias. Durante esse tempo, diz ele, “mal sentia meus pés tocarem o chão. O puro amor de Deus pareceu engolfar-me. Era um sentimento maravilhoso. Durante essa manifestação, eu amava tudo. Nunca me importara muito com crianças, mas agora lhes dedicava um profundo amor. Eu costumava amaldiçoar a chuva; agora me ensopava nela, e adorava cada minuto que chovia. Se aquilo era uma pequena amostra do amor de Deus que enche todo reino celeste, não é de admirar que o cordeiro e o leão possam viver juntos e nada exista que possa causar mágoa ou temor.”

Após três dias, essa grande alegria o deixou, e ele sentiu que havia perdido a coisa mais preciosa do mundo. Com a alma tomada de profunda agonia, orou a Deus, pedindo que a restaurasse, mas não foi atendido. Contudo, agora havia uma grande diferença — ele sabia que Deus existia. Sabia que Deus era real, pois havia sentido o seu amor e poder. Sabia que Deus responderia à oração sincera, pois sua oração fora respondida.

Chegou então uma época de busca interior. Ele havia feito uma promessa a Deus, e a cumpriria. Faria o que ele desejava que fizesse — se pelo menos pudesse descobrir o que era. Determinado a colocar sua vida em harmonia com a verdade, ele primeiramente

sentiu que Deus gostaria de que mudasse de vida, por isso deixou de fumar e beber, e tentou vencer outras falhas pessoais.

Depois disso, certamente Deus gostaria de que conhecesse a verdade. Começou a estudar a Bíblia. Posteriormente leu o Alcorão, as obras de Buda, Confúcio e outros filósofos religiosos. As estantes de livros de religião da biblioteca pública se transformaram em sua sala de aula. Não podia descansar, enquanto não obtivesse o conhecimento da verdade.

“O ministro protestante local era um homem sincero que desejava batizar-me,” recorda Bert, “mas dei-lhe uma resposta estranha. Disse-lhe que não lhe faria bem batizar-me, porque ele não tinha autoridade. Não sei por que pensava daquela forma, mas sabia que era a verdade.”

Nessa época, Bert resolveu mudar-se para Raymond, Washington, onde se lembrava de ter visto muitas igrejas. Chegando lá, começou a perguntar aos ministros: “Como é Deus? Descreva-o para mim. Se eu o encontrasse na rua, ele teria a semelhança de um homem? Ele tem 1,70 m de altura, ou mais?”

As respostas não foram satisfatórias. Disseram-lhe que não poderia encontrar-se com Deus na rua, pois ele não podia andar, e não tinha tamanho algum, pois era algo que enchia todo o universo.

Certo dia, deparou-se com um pequeno folheto na casa de sua irmã, chamado **Rays of Living Light**. Ele o leu emocionado, e perguntou-lhe de onde viera aquele folheto. “Se você estivesse perdido no deserto durante dias, morrendo de sede, e alguém lhe desse um gole de água límpida e fresca para beber, sentiria o mesmo que eu ao ler aquele folheto,” diz ele; “eu sabia que era a verdade. Era como se eu estivesse morrendo de sede da verdade, e agora houvesse recebido um pouquinho dela. Eu queria mais.”

A irmã de Bert disse-lhe que seu médico, que era chamado de “presidente de ramo” na A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, é que lhe dera. Ela achava que eles também eram chamados de “mórmons.”

Logo Bert tinha alguns folhetos muito bem marcados, um Livro de Mórmon e um convite para ir à Igreja. Foi no consultório do médico que eu encontrei Bert Braack, meu marido, pela primeira vez. Em seguida, vi-o na Igreja. Ele assistia a todas as reuniões. Suas profundas perguntas mantinham os membros ocupados, estudando as Escrituras em busca de respostas.

Finalmente ele havia encontrado alguém que lhe podia explicar como era Deus. A descrição que Joseph Smith fazia de Deus e Jesus pareceu-lhe verdadeira. Ele podia compreender um Deus que possuía um corpo real e tangível — um Deus que podia andar e falar, com quem poderia encontrar-se face a face, a quem poderia amar com o grande amor que sentira uma vez. Após uma longa busca, ele sabia haver encontrado a Igreja que possuía autoridade para batizá-lo, e desde a sua imersão, ocorrida certo dia de outubro no frio Rio Willapa, seu testemunho jamais enfraqueceu.

Erma Braack, dona de casa e mãe de oito filhos, é professora visitante da Sociedade de Socorro da Ala X de Spanish Fork, Estaca de Palmyra, Utah.

Jesus Cristo — Dádivas e Esperanças

Presidente Ezra Taft Benson
Presidente do Conselho dos Doze
Pinturas de Harry Anderson

Há muitas ocasiões especiais durante o ano comemoradas pelo ato de dar e receber presentes. É sempre bom lembrar algumas das muitas dádivas que recebemos de nosso Salvador, Jesus Cristo, e pensar no que podemos dar-lhe em troca.

Primeiramente, ele nos deu um modelo perfeito — ele próprio — pelo qual podemos moldar nossa vida. Ele disse que “ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a sua vida pelos seus amigos.” (João 15:13.) Ele não somente estabeleceu o exemplo perfeito de vivência terrena, como também entregou voluntariamente sua vida por amor a nós. Passou por uma agonia, tanto física como espiritual, que não podemos compreender, para proporcionar-nos as bênçãos gloriosas do sacrifício expiatório e da ressurreição. (Ver DeC 19:15-19.)

Alguns homens estão dispostos a morrer por sua fé, mas não a vivê-la plenamente. Cristo viveu e

morreu por nós. Seguindo seus passos, e através do sacrifício expiatório, podemos obter o maior de todos os dons — a vida eterna — que é o tipo de vida do grande Ser Eterno — nosso Pai Celestial.

Cristo formulou uma pergunta, inquirindo sobre que espécie de homens deveríamos ser. Respondeu, dizendo que deveríamos ser como ele é. (Ver 3 Néfi 27:27.)

O homem maior, mais abençoado e feliz é aquele cuja vida mais se assemelha à de Cristo. Isso nada tem a ver com riqueza, poder ou prestígio terreno. O único verdadeiro teste de grandeza, bênção e felicidade é o quanto uma vida pode assemelhar-se à do Mestre, Jesus Cristo. Ele é o caminho certo, a plenitude da verdade e a vida abundante.

A mais constante e persistente pergunta em nossa mente, que influencia cada pensamento e ato de nossa vida, deveria ser: “Senhor, que queres que faça?” (Atos 9:6.) A resposta a essa pergunta pode



vir por meio da luz de Cristo e por intermédio do Espírito Santo. Temos um trabalho a fazer: segui-lo. Testifico-lhes que o pagamento que ele nos oferece por seu trabalho é o melhor que poderão obter neste mundo ou em qualquer outro.

Em segundo lugar, além de Cristo nos haver proporcionado a dádiva de sua vida como exemplo, deu-nos a dádiva de termos um profeta. Entre todos os homens mortais, devemos manter nossos olhos fixos no comandante, o profeta, vidente, revelador e Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Ele é o homem que está mais perto do "manancial de águas vivas." Há certas instruções celestiais que só podemos receber através do profeta. Uma boa maneira de aquilatar nossa posição diante do Senhor é ver como nos sentimos e agimos quanto às palavras inspiradas desse seu representante terreno, o presidente/profeta. Suas palavras inspiradas não devem ser tratadas levemente. Todos os homens têm direito à inspiração, e vários homens têm direito à revelação referente à sua respectiva designação; mas somente um homem é o porta-voz do Senhor para a Igreja e o mundo, e ele é o Presidente da Igreja. As palavras de todos os outros homens devem ser pesadas em comparação às suas palavras inspiradas.

Embora seu profeta seja mortal, Deus não permitirá que ele desencaminhe a Igreja. (Ver **Discourses of Wilford Woodruff**, pp. 212-13.) Deus conhece todas as coisas, do começo ao fim, e nenhum homem

se torna presidente da Igreja de Jesus Cristo, acidentalmente, ou permanece nesse cargo por acaso, ou falece casualmente.

O profeta mais importante, no que nos diz respeito, é aquele que está vivo em nossos dias e época. É ele quem recebe as instruções atuais de Deus para nós. As revelações que Deus deu a Adão não instruíram Noé como deveria construir a arca. Cada geração necessita da Escritura antiga e da Escritura atual do profeta vivo. Portanto, a mais importante leitura e meditação que devem fazer é das últimas palavras inspiradas do porta-voz do Senhor. É por isso que é essencial que procurem e leiam cuidadosamente suas palavras nos jornais e revistas da Igreja.

Sim, agradecemos-te, ó Deus, por termos um profeta para guiar-nos nestes últimos dias.

Em terceiro lugar, além das dádivas da vida de Cristo e de um profeta, temos ainda a dádiva de sua Igreja. A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, "a única igreja verdadeira e viva sobre a face de toda a terra." (DeC 1:30.) Não podemos ser salvos e exaltados fora desta Igreja. Através dela, recebemos o batismo, o Sacerdócio, o casamento celestial e outros poderes seladores. Ela é o meio organizado que Deus está utilizando para estabelecer e propagar a sua obra. Devemos trabalhar por ela, edificá-la e fazê-la progredir.

Devemos estar dispostos a dar generosamente de nosso tempo, talentos e recursos para a Igreja. Não importa o que aconteça ao mundo, a Igreja



crecerá em força e estará intacta, quando o Senhor vier novamente à terra.

Deus nos assegurou que a Igreja jamais será tirada da terra novamente por causa da apostasia. Ele disse que se deleita com a Igreja, falando coletivamente e não individualmente. (Ver DeC 1:30.) Isto significa que certos indivíduos da Igreja podem afastar-se ou até mesmo apostatar. Isso pode acontecer até a um membro da Igreja que ocupe posição de certa influência e autoridade. Já aconteceu no passado, e acontecerá no futuro. Se depositarmos a nossa fé em Jesus Cristo e não no braço de carne, então saberemos que somos membros da Igreja de Jesus Cristo e não da igreja dos homens.

Se virem alguns indivíduos da Igreja fazendo coisas que os perturbem, ou sentem que a Igreja não está fazendo as coisas da maneira como acham que poderiam e deveriam ser feitas, poderão achar proveitosos os seguintes princípios:

Deus tem que operar através de mortais que se encontram em diferentes estágios de progresso espiritual. Muitas vezes ele concede temporariamente os pedidos imprudentes dos homens, para que possam aprender com suas próprias experiências desagradáveis. Algumas pessoas chamam a isso de "princípio de Samuel." Os filhos de Israel queriam ter um rei como as outras nações. O Profeta Samuel sentiu-se desgostoso e orou ao Senhor sobre o assunto. Este respondeu, dizendo a Samuel: "Pois não te rejeitaram a ti, antes a mim me têm rejeitado para eu não reinar sobre eles." O Senhor disse que Samuel devia advertir o povo sobre as conseqüências de terem um rei. Samuel obedeceu, mas mesmo assim, continuaram a insistir para que lhes desse um rei. Portanto, Deus atendeu o pedido dos filhos de Israel, deu-lhes um rei e deixou-os sofrer. Eles aprenderam da pior maneira possível. Deus gostaria de que fosse de outra forma, porém, dentro de certos limites, ele atende aos pedidos dos homens segundo seus desejos. As más experiências são uma escola dispendiosa que somente os tolos continuam a freqüentar. (Ver I Samuel 8.)

Às vezes, em nossa tentativa de imitar as coisas do mundo, e sermos contrários aos conselhos dos profetas, seguimos falsas idéias educacionais, políticas, musicais, e adotamos o padrão de vestuário ditado pelo mundo. Os novos padrões mundanos ganham predominância, ocorre uma decadência gradual, e finalmente, depois de muito sofrimento, um povo humilde está pronto para aprender novamente uma lei mais elevada.

Durante todo esse processo gradual de decadência dos padrões, as pessoas dignas deveriam estar vivendo de acordo com os mais elevados padrões pessoais, não querendo impô-los a outros, mas preparando-se e esperando uma época melhor, que seguramente virá.

Isso me leva a outro princípio: o de que um líder não pode liderar sem que haja seguidores. Se os padrões melhores hão de ser observados, então tem de existir um povo que os siga.

O Livro de Mórmon fala a respeito de cortar os ramos "que produzirem frutos amargos, segundo a força e o tamanho dos bons; não tirarás, porém, todos

os ruins de uma vez, para que as raízes não sejam muito fortes para o enxerto, este pereça e eu perca as árvores de minha vinha."

"... portanto, tirarás os galhos ruins à medida que os bons forem crescendo, para que a raiz e a copa tenham a mesma força, até que os bons sobrepujem os ruins." (Jacó 5:65-66.)

Somente um povo de Sião pode produzir uma sociedade de Sião. À medida que o povo de Sião crescer, então estaremos aptos a incorporar mais princípios de Sião, até que tenhamos um povo preparado para receber o Senhor.

Isto significa que, no devido tempo, haverá um número crescente de livros doutrinários escritos por homens inspirados da Igreja. Haverá uma tendência cada vez menor de apoiarmos os falsos ensinamentos dos homens. Haverá uma tendência crescente de estabelecermos primeiramente os alicerces da verdade do Evangelho em todos os assuntos, e então, se necessário, demonstrarmos o quanto os padrões do mundo são inferiores aos que seguimos.

No devido tempo, haverá um ensino crescente através do Espírito de Deus, mas isso somente poderá acontecer, se houver uma promoção decrescente dos preceitos dos homens.

Buscamos o que é louvável, amável, virtuoso e saudamos Beethoven, Shakespeare, Rembrandt e Michelangelo. No devido tempo, teremos também mais de nossos próprios gigantes — principalmente grandes pais-patriarcas e nobres companheiras e mães de homens. Certas músicas ouvidas, artes vistas, e roupas usadas farão parte do passado — não porque mudarão os estilos, mas porque nossos padrões melhorarão.

Quando os atos individuais de alguns membros da Igreja os perturbarem, eis aqui outro princípio que devem considerar: o da mordomia. À medida que o reino cresce, são delegadas e designadas responsabilidades e mordomias cada vez maiores. Os homens correspondem a essas mordomias com diferentes graus de bravura. Deus é muito paciente, pois espera que muitos de nós cheguemos à altura de nossas responsabilidades. Geralmente dá ao homem uma corda suficientemente longa e tempo bastante para que este possa subir até a presença de Deus ou descer para um lugar mais baixo. Mas, embora Deus seja paciente, nenhum braço de homem frágil em sua mordomia pode impedir ou perverter o trabalho do Senhor. As mãos do moinho da justiça divina moem lentamente, mas o fazem de maneira cada vez mais fina.

Porque Deus concedeu ao homem o livre arbítrio, sempre haverá aqueles que o usarão de maneira errada. A rede do Evangelho pesca os bons e os maus, o melhor e o pior. O pior, porque o demônio, antes da purificação final, colocou alguns de seus seguidores dentro do reino, para tentá-lo e destruí-lo. Temos alguns deles dentro do reino atualmente, e seu número será conhecido no devido tempo. O tempo tem um jeito todo especial de cuidar de todas as coisas, de elevar o bom e derrubar o mau. Se virmos acontecer dentro do reino certas coisas que nos perturbam, poderemos resolvê-las, primeiramente, se o caso for da alçada de nossa mordomia, dirigindo-nos à pessoa ou pessoas envolvidas. Se o caso é de tal natureza que

achamos que deverá ser levado ao conhecimento de uma autoridade maior, podemos então, de maneira cortês e sigilosa, tomar as providências necessárias no nível adequado.

Um caminho certo para a apostasia é tornar públicas as diferenças que pensamos ter com certos líderes da Igreja, no sentido de criar contenda e discórdia. Nossa missão é aderirmos ao reino, e não deixar que algo ou alguém nos indisponha ou exacerbe contra essa grande dádiva de Cristo, que é a Igreja.

A Igreja é verdadeira. Guarde suas leis; assista às suas reuniões, apóie seus líderes, aceite seus chamados; obtenha uma recomendação para o templo; desfrute de suas bênçãos.

Em quarto lugar, além das dádivas da vida de Cristo, seu profeta e sua Igreja, recebemos a dádiva das Escrituras, principalmente as do Livro de Mórmon.

Em sua oração dedicatória do templo de Washington, o Presidente Kimball referiu-se ao Livro de Mórmon da mesma forma que o Profeta Joseph Smith, dizendo que ele é o mais correto dos livros. O Profeta chamou-o também de "pedra angular de nossa religião." Disse que "um homem poderá chegar mais perto de Deus, vivendo de conformidade com seus preceitos, do que por qualquer outro livro." (History of the Church, 4:461.) Esse livro foi escrito para nossa época. Mórmon, seu compilador, viu-nos numa visão, e foi instruído a escrever no livro as coisas que Deus achava particularmente necessárias em nossa época. Houve inspiração ao fazer do Livro de Mórmon um curso obrigatório de religião na Universidade Brigham Young. O corpo docente e discente da Universidade e os membros da Igreja de todo o mundo deveriam conhecer o Livro de Mórmon melhor do que qualquer outro livro. Deveríamos conhecer não somente os relatos históricos e inspiradores que contém, mas também compreender os seus ensinamentos. Se fizéssemos o que realmente devemos e conhecêssemos o Livro de Mórmon doutrinariamente, poderíamos expor os erros do mundo, e encontrar as

verdades necessárias para combater muitas das atuais teorias e filosofias dos homens, entre elas o socialismo, humanismo, evolução orgânica e outras.

Tenho observado dentro da Igreja as diferenças de discernimento, convicção e espírito entre as pessoas que conhecem e apreciam o Livro de Mórmon, e as outras. Esse livro é um grande selecionador de pessoas.

A vida de Cristo, seu profeta, sua Igreja e o Livro de Mórmon são apenas algumas das dádivas que recebemos de Cristo, que nos abençoam durante toda nossa vida.

E agora, meus amigos, o que poderemos dar ao Senhor? Considerando tudo o que ele já fez e está fazendo por nós, existe algo que lhe podemos dar em retribuição.

A grande dádiva que Cristo nos concedeu foi sua vida e sacrifício. Não poderia, então, ser esse o nosso pequeno presente para ele — nossa vida e sacrifícios, não somente agora, mas no futuro? Há alguns anos, meu colega, o élder Boyd K. Packer, disse o seguinte: "Não me envergonho de dizer que... desejo ser bom. Descobri em minha vida, que me tem sido criticamente importante que isso ficasse estabelecido entre mim e o Senhor, para que eu soubesse que ele conhece o modo como comprometi o meu livre arbítrio. Cheguei diante dele e disse: 'Não sou neutro, e podes fazer de mim o que desejas. Se necessitas do meu apoio, ei-lo. Não importa o que fizeres comigo, e nada tens que tirar de mim, porque tudo te dou, — tudo o que tenho, tudo o que sou.' E isso faz muita diferença." (Seminary and Institute Conference, verão de 1970.)

Sim, os homens e as mulheres que entregam sua vida a Deus, descobrirão que ele pode fazer muito mais do que eles próprios. Ele tornará mais profundas suas alegrias, expandirá sua visão, iluminará suas mentes, fortalecerá seus músculos, elevará seus espíritos, multiplicará suas bênçãos, aumentará suas oportunidades, confortará suas almas, aumentará seus amigos, e os cobrirá de paz. Todo aquele que perder sua vida por amor a Deus, verá que alcançou a vida eterna.

Mencionarei agora o sacrifício que devemos fazer por ele. Sim, o sacrifício é a prova culminante do Evangelho. Os homens são testados e provados durante esta provação mortal, para ver se colocarão em sua vida as coisas de Deus em primeiro lugar. (Ver Mateus 6:33.) Para alcançar a vida eterna, eles devem estar dispostos, se assim for requerido, a sacrificar todas as coisas por amor ao Evangelho. "Se queres ser perfeito," disse Jesus ao jovem rico, "vai, vende tudo o que tens e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu; e vem, e segue-me."

Ao ouvir essas palavras, Pedro disse: "Eis que nós deixamos tudo, e te seguimos; que receberemos?"

A essa pergunta, o Senhor respondeu: "Todo aquele que tiver deixado casas, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe, ou mulher, ou filhos, ou terras, por amor de meu nome, receberá cem vezes tanto, e herdará a vida eterna." (Mateus 19:16-29; DeC 132:55.)

Joseph Smith disse, a respeito do sacrifício: "Um homem deixar tudo o que possui, seu caráter e reputação, sua honra e ovação, seu bom nome entre os



homens, suas casas, terras, seus irmãos, irmãs, sua esposa e filhos, e até mesmo sua própria vida — considerando todas as coisas como imundície e impureza, comparadas à excelência do conhecimento de Jesus Cristo — requer mais do que a mera crença ou suposição de que está cumprindo a vontade de Deus; mas, sim, um conhecimento real, sabendo que, quando terminarem esses sofrimentos, ele entrará no descanso eterno, e será um participante da glória de Deus. . . Uma religião que não requer o sacrifício de todas as coisas, jamais tem poder suficiente para produzir a fé necessária para a vida e salvação, pois, desde a primeira existência do homem, a fé necessária para ele desfrutar a vida e salvação jamais poderia ser obtida sem o sacrifício de todas as coisas terrenas. Foi através desse sacrifício, e somente assim, que Deus ordenou que o homem pudesse desfrutar da vida eterna.” (**Lectures on Faith**, pp. 58-60.)

O Elder Bruce R. McConkie disse: “O sacrifício pertence à mortalidade; no sentido eterno, não existe sacrifício. Ele envolve rejeitar todas as coisas deste mundo em troca das promessas de bênçãos que serão obtidas num mundo melhor. Pela perspectiva eterna, não é sacrifício rejeitar todas as coisas — até mesmo entregar a própria vida — se for alcançada a vida eterna através desse processo.” (Ver DeC 93:13-15; **Mormon Doctrine**, Bookcraft 1966, p. 664.)

Porém, no momento em que alguém perde sua vida por amor a Deus, realmente descobre a vida abundante, e o mesmo acontece quando uma pessoa sacrifica tudo por amor a Deus; então Deus, em retribuição, compartilha tudo o que tem com ela.

Por mais que tentemos, jamais poderemos fazer com que o Senhor fique em débito conosco, pois todas as vezes que cumprimos a sua vontade, ele simplesmente derrama mais bênçãos sobre nós. Às vezes, pode parecer que as bênçãos demoram muito a chegar — talvez para testar a nossa fé — mas elas seguramente virão, e de maneira abundante. Alguém disse: Lança o teu pão sobre as águas e logo te será devolvido com manteiga.

O Presidente Brigham Young disse: “Ouvi um grande número de pessoas dizer o que têm sofrido por amor a Cristo. Fico feliz em dizer que jamais tive essa oportunidade. Tenho sido muito feliz, mas no que concerne ao sofrimento, tenho-o comparado muitas vezes intimamente e diante das congregações, a um homem que usa um capote velho, puído e sujo, e ganha um casaco novo de alguém. Essa é a comparação que faço, quando penso no que tenho sofrido por amor ao Evangelho — joguei fora um casaco velho para vestir um novo.” (**Discourses of Brigham Young**, p. 348.)

Os santos jamais sofrem como os pecadores.

“Quanto às provações” disse o Irmão Brigham, “regozijai-vos, pois o homem ou a mulher que desfrutam do espírito de nossa religião, não têm provações; mas o que tenta viver de acordo com o Evangelho do Filho de Deus e ao mesmo tempo apegar-se ao espírito do mundo, tem provações e tristezas agudas e amargas, e isso, continuamente.

Lançai fora o jugo do inimigo e tomai sobre vós o jugo de Cristo, e direis que seu jugo é suave

e que seu fardo é leve. Sei disso por experiência própria.” (**Discourses of Brigham Young**, p. 348.)

Vocês sabem por que razão as mães dignas amam tanto a seus filhos? É porque muito se sacrificam por eles. Amamos aquilo pelo que nos sacrificamos e nos sacrificamos pelo que amamos.

Porém, quando damos pouco, pouco recebemos.

Por que não continuamos sempre com o Senhor, sem nos apartarmos dele? Por que não sacrificamos todos os nossos pecados, e não apenas alguns deles?

Certa vez, havia uma jovem que sacrificara seus planos terrenos, para permanecer longas e tediosas horas trabalhando, para poder sustentar seu irmão órfão; mas agora jazia em sua cama, morrendo de certa enfermidade. Ela chamou seu bispo, e ao conversar com ele em seus últimos momentos de vida, ele segurou aquelas mãos ásperas e calejadas entre as suas. Então, ela perguntou: “Como Deus saberá que lhe pertence?” Levantando gentilmente o pulso dela, o bispo respondeu: “Mostre-lhe suas mãos.”

Algum dia, veremos aquele par de mãos que muito se sacrificaram por nós. Estarão nossas mãos limpas, e mostram os sinais de haverem estado a seu serviço? Estará nosso coração puro e cheio de seus pensamentos?

A cada semana, fazemos um solene convênio de sermos iguais a Cristo, de aceitá-lo como nosso líder, de recordá-lo sempre e guardar todos os seus mandamentos. Em troca, ele promete dar-nos o seu Espírito.

Há alguns anos conhecemos muito bem o nosso Irmão Maior, e também o Pai de Cristo, nosso Pai Celestial. Alegramo-nos muito com a oportunidade vindoura, de recebermos uma vida terrena que nos possibilitaria alcançar a plenitude da alegria que eles possuíam. Mal podíamos esperar para demonstrar a nosso Pai e a nosso Irmão, o Senhor, o quanto os amávamos e como lhes obedeceríamos, apesar da oposição terrena do maligno. E agora estamos aqui — desceu um véu sobre nossa lembrança — e estamos mostrando a Deus e a nós mesmos o que podemos fazer. Nada nos causará maior surpresa, ao passarmos para o outro lado do véu, do que sabermos quão bem conhecemos nosso Pai, e o quanto a sua face nos é familiar. Então, disse o Presidente Young, vamos imaginar por que fomos tão estúpidos, quando estávamos aqui na terra.

Deus nos ama; ele nos está observando; deseja que tenhamos sucesso, e algum dia saberemos que não deixou de fazer coisa alguma para o bem-estar terreno de cada um de nós. Se ao menos soubéssemos que há hostes celestiais torcendo por nós — amigos celestiais de quem não podemos recordar-nos agora, que anseiam por nossa vitória. Este é o dia em que devemos mostrar do que somos capazes — que vida e sacrifício podem levar a Deus a cada dia, cada hora e cada momento. Se dermos tudo o que temos, obteremos tudo o que tem aquele que é o maior de todos.

Dêem o melhor que têm a Deus e receberão o que ele tem de melhor.

Que Deus possa sempre estar com vocês, é a minha oração.

Muitos de nós somos chamados para ocupar posições didáticas uma vez ou outra. E todos nós também somos alunos, quando assistimos às reuniões do quorum do Sacerdócio, da Escola Dominical, ou da Sociedade de Socorro.

Neste primeiro artigo, de uma série dedicada ao ensino e aprendizado do Evangelho, o Irmão Theo McKean discute o tríplice relacionamento entre o professor, o aluno e seu Pai Celestial.

Ensinar e Aprender o Evangelho

Theo McKean

Uma de minhas obrigações, quando vivia na fazenda, era alimentar as ovelhas de meu pai. Sua sobrevivência, durante o frio inverno, dependia de que as suprisse de feno e ração que havíamos armazenado durante o verão.

Por melhor que fosse, nada se podia comparar à primavera, quando eu abria a cancela e conduzia o rebanho para as encostas relvosas, onde as ovelhas podiam alimentar-se por si mesmas. Em vez de agruparem-se confusamente à espera da ração, elas podiam mover-se livremente pelo campo, procurando e banqueteadando-se com o alimento vivo, diretamente de sua fonte original. Ao chegar o inverno, elas estavam sempre gordas e sadias.

Mais tarde, segui para o campo missionário, com uma incumbência semelhante — a de alimentar as ovelhas de meu Pai. Novamente senti a alegria de abrir a cancela, anunciando o fim do inverno, que o Evangelho havia sido restaurado, que uma nova verdade estava brotando da terra, e que, seguindo o Bom Pastor, cada filho de Deus poderia banquetear-se pessoalmente com a verdade.

Por mais importante que fosse declarar a mensagem que havia recebido de Deus, logo descobri quão mais importante ainda era eu induzir o investigador a um estudo pessoal da palavra de Deus, pelo qual pudesse pesquisar e aprender, e vir a saber em seu íntimo, através do poder do Espírito Santo, que o Evangelho é verdadeiro.

Ensinar e aprender o Evangelho é como alimentar uma ovelha. Se realizado da maneira correta, o processo requererá a participação ativa não somente do professor, mas também do aluno e do Espírito de Deus. A participação básica de cada um deles é reconhecida rapidamente no trabalho missionário. O missionário declara a mensagem do Evangelho a um investigador e comunica-se com ele, num relacionamento semelhante a este:



A mensagem declarada é a que o missionário recebeu de Deus, através de seu estudo diligente e pessoal, por intermédio da oração e de participar nos programas do Sacerdócio da Igreja — assim:



A mensagem do missionário, quando acompanhada pelo poder do testemunho, toca o coração do investigador, que recebe o entendimento e testemunho da verdade e, da mesma forma, desenvolve um relacionamento pessoal com Deus, com as Escrituras e a Igreja, desta maneira:



A grande importância de desenvolver esse relacionamento entre o investigador e Deus é acentuada, quando consideramos a posição instável daquele que se filia à Igreja, baseado somente no poder das palavras dos missionários. Sem o entendimento e testemunho recebidos através do Espírito, é geralmente apenas uma questão de tempo até que se afaste da Igreja.

Acontece na sala de aula ou no lar o mesmo que ocorre no campo missionário. O Élder Mark E. Petersen disse: “Na posição de professores de classes,

somos também missionários, e, se esperamos converter nossos alunos às doutrinas que ensinamos, devemos usar o poder do testemunho, do mesmo modo que os missionários fazem na missão.” (Mark E. Petersen, *Instructor*, agosto de 1970.) (Ver o texto completo no artigo da p.29)

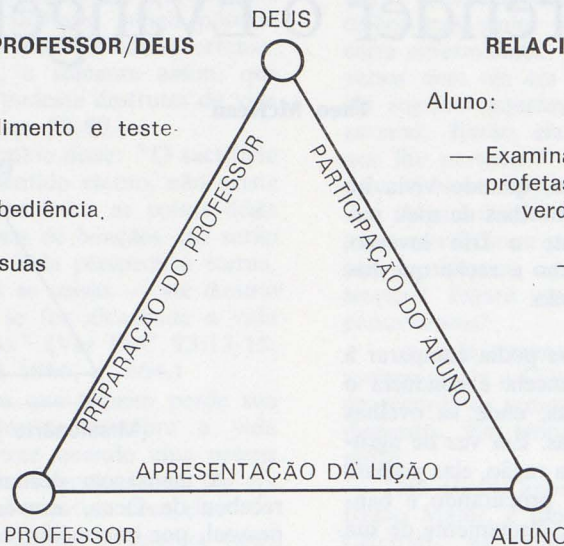
Substituindo o termo **missionário** por **professor**, e **investigador** por **aluno**, podemos usar o seguinte diagrama para identificar algumas das participações significativas existentes em cada um desses três relacionamentos básicos de ensino/aprendizado.

RELACIONAMENTO ENSINO/APRENDIZADO

RELACIONAMENTO ENTRE PROFESSOR/DEUS

Professor:

- Procura e recebe entendimento e testemunho da verdade.
- Torna-se um modelo de obediência.
- Compreende os alunos e suas necessidades.
- Desenvolve habilidade de
- ensinar com clareza.
- Organiza o esquema da lição.



RELACIONAMENTO ENTRE DEUS/ALUNO

Aluno:

- Examina as Escrituras e as palavras dos profetas vivos, em busca dos princípios verdadeiros e a maneira de aplicá-los.
- Pede e recebe entendimento e testemunho da verdade e seu significado.
- Sabe o que fazer e decide obedecer.
- Obedece e obtém um testemunho.

RELACIONAMENTO ENTRE PROFESSOR/ALUNO

Aluno:

- Sente fome e sede das coisas do Espírito.
- Procura realizar-se.

Professor:

- Proporciona estímulo ao aluno, quando necessário.
- Declara o Evangelho contido nas Escrituras e as palavras dos profetas vivos.
- Orienta o estudo pessoal dos alunos.
- Verifica se eles obtiveram o entendimento correto.
- Testifica e encoraja a aplicação dos princípios aprendidos.

O Élder Gordon B. Hinckley nos dá uma estimulante visão do valor de usarmos o padrão missionário como modelo básico para o ensino na sala de aula e no lar:

“No livro de Doutrina e Convênios, existe uma impressionante declaração. Eu a tenho lido em reuniões que fiz com os missionários em diversas partes do mundo. Ela foi dada por revelação, em maio de 1831. Creio que se aplica não somente aos missionários, mas também a vocês que ensinam... Ouçam uma pergunta e a respectiva resposta:

“Portanto, eu, o Senhor vos pergunto — para que fostes ordenados?

“A resposta: ‘Para pregar o meu Evangelho pelo Espírito, o Consolador, o qual foi enviado para ensinar a verdade.’

“Então se segue esta promessa àqueles que ensinam através do Espírito: ‘Portanto, aquele que prega e aquele que recebe, se compreendem um ao outro, e ambos são edificados e juntos se alegram.’ (DeC 50:13,14, 22.)” (Élder Gordon B. Hinckley, “What Shall You Teach?”, discurso proferido para o corpo docente e funcionários da BYU, em 17 de outubro de 1963.)

As ovelhas de nosso pai celestial estão famintas. Que gloriosa oportunidade temos de conduzi-las para as “verdes pastagens” e “águas tranqüilas” onde tanto o professor como o aluno podem banquetear-se até poderem dizer: “meu cálice transborda.” (Salmo 23.)

(Os próximos artigos desta série tratarão dos diversos relacionamentos de ensino/aprendizado identificados no gráfico.)

O Poder do Testemunho

Elder Mark E. Petersen,
do Conselho dos Doze

A conversão é a meta primordial de todo ensino na Igreja.

A menos que seja este o nosso objetivo, fracassaremos em nosso propósito como professores e líderes de classe; e, se nós, como professores individuais, falharmos, toda a organização também fracassará, no que concerne à nossa designação particular.

Nossas salas de aula e púlpitos não foram feitos para se tornarem “tribunas públicas”, nem locais de debate. Não podem ser usados como “caixa de ressonância” para eventuais idéias, interpretações e noções particulares do professor.

Nossas salas de aula e púlpitos são centros de aprendizagem do Evangelho. São meios pelos quais se tocam corações e se convertem almas ao Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo.

As palavras que Paulo dirigiu aos romanos devem ecoar continuamente em nosso íntimo:

“Porque todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo.

“Como, pois, invocarão aquele em quem não creram? e como crerão naqueles de quem não ouviram? e como ouvirão, se não há quem pregue? e como pregarão, se não forem enviados?...” (Romanos 10:13-15:)

Todas as pessoas que assistem às nossas aulas, necessitam de ensinamento e mais conversão. O Evangelho é tão amplo em suas implicações e aplicações, e oferece tanto em matéria de conhecimento, que nenhum mortal já aprendeu tudo o que podia sobre ele. Portanto, todas as pessoas precisam ser ensinadas.

Muitas pessoas que vêm às nossas salas de aula, freqüentemente o fazem porque têm “fome e sede” das tenras sementes de retidão que podem ser encontradas numa aula bem conduzida. O professor da classe tem a responsabilidade de satisfazer essa necessidade através da apresentação adequada da matéria da lição, que é ortodoxa, verdadeira e isenta de especulações de qualquer tipo.

O bom ensino deve incluir o uso de auxílios visuais, quando necessário, bem como a palavra falada. As referências das Escrituras são parte vital de toda lição. Nossos ensinamentos devem possuir a marca da autenticidade, e, quando usamos as Escrituras generosamente em nosso ensino religioso, elas proporcionam essa qualidade à lição.

Mas há outro fator necessário para produzir as conversões que procuramos conseguir entre os membros de nossa classe. Este fator é o TESTEMUNHO.

Quando perguntamos aos novos conversos o que mais os impressionou quando de seu contato com a Igreja, quase todos eles dizem: O testemunho honesto e sincero do missionário.

Na posição de professores somos também missionários, e, se esperamos converter nossos alunos às doutrinas que ensinamos, devemos usar o poder do testemunho exatamente como o fazem os missionários.

“Ensinar — Testificar — Batizar!”

Esse é o caminho que os missionários seguem, e deve ser também o nosso método ao presidirmos uma classe.

Muito se tem dito sobre o ensino “face a face”. Ele é de grande eficácia. Mas mesmo este método deixa de ser completo, a menos que seja acompanhado também de um testemunho “face a face”, que é prestado por um professor dedicado aos membros da classe.

Se a lição é apresentada de maneira eficaz e convincente, nada pode ser comparado ao ponto culminante do testemunho, quando o professor declara com toda a sinceridade: “Testifico-lhes que sei que isto é verdade.”

Esse é o método que converte os não-membros em todo o mundo. Ele será igualmente eficaz na conversão e reconversão daqueles que vêm às nossas classes.

Uma influência especial acompanha o testemunho sincero. Através dele, o Senhor derrama o seu espírito com grande poder. Quer prestemos nosso testemunho como missionários em outras partes do mundo, ou aos familiares no âmbito do lar, ou aos membros de nossa classe... esse poder estará conosco. Mas, sem o testemunho, será que nossos ensinamentos parecerão verdadeiros?

Se um testemunho arde dentro de nosso peito, e se o prestamos destemida e corajosamente, ele causará a impressão adequada. A conversão se seguirá, e com ela chegará a salvação a todos os que obedecerem.

Este é o nosso testemunho!

PERFIL DE UM LÍDER

PRESIDENTE HÉLIO DA ROCHA CAMARGO

Missão Brasil Rio de Janeiro

por Maria Antonia Brown

Nascido e criado na Igreja Metodista, o presidente Hélio da Rocha Camargo recebeu desde cedo uma formação espiritual que lhe moldou o caráter e edificou o alicerce que hoje sustenta sua fé e dinamismo na dedicação ao serviço do Senhor.

Resende, sua terra natal, trouxe-lhe a vocação militar e o gosto pela vida de caserna que o levou a cursar a Academia das Agulhas Negras. Trouxe-lhe ainda a paixão pela namorada, hoje senhora Nair da Rocha Camargo, cuja dedicação aos filhos, ao marido e ao trabalho do Senhor tem sido inabalável. É ele quem confirma:

“Se não fosse o apoio que ela me dá e a disposição que tem para os chamados da Igreja, seria pouco provável que eu tivesse realizado as coisas que realizei, quer nos chamados eclesiais, quer na vida profissional.

Quando recebi o chamado para presidir uma missão, estava em Taubaté, trabalhando num projeto de construção de conjuntos residenciais. O Presidente Romney perguntou-me se eu aceitava o chamado e se minha esposa também concordava, pois também ela seria missionária. Quando telefonei de Taubaté para São Paulo e participei o chamado, ela disse que sempre me havia apoiado e que desta vez também poderia contar com seu apoio.”

O Presidente e a irmã Camargo foram selados no Templo de Salt Lake em novembro de 1968; os filhos Fernando José, o mais velho, único casado, residente em São



Paulo; Tércio, falecido em 1972; Paulo Sergio, ex-missionário na Itália; Márcia, a única filha; Josué, atualmente estudante em São Paulo, e Milton servindo como missionário em Portugal, foram selados aos pais no Templo de Berna, na Suíça, em 1974.

O Presidente Camargo falando da sua conversão, diz que a autoridade do Sacerdócio foi o assunto que mais o impressionou e o ajudou a compreender a restauração do Evangelho. Se alguém pudesse ser um sacerdote, ou um apóstolo, como nos tempos dos profetas só poderia ser através da restauração do Evangelho:

“Meu primeiro contato com a Igreja foi quando cursava o seminário metodista. Era costume daquela faculdade convidar outras

igrejas para palestras. Convidamos a Igreja Mórmon. Fui à casa da Missão na rua Itapeva e falei com o presidente Sorensen para apresentar uma palestra. Ele não pôde comparecer, mandou os missionários, que doaram alguns livros e apresentaram uma palestra sobre a restauração do Evangelho e desafiaram os professores e alunos do Seminário para o batismo.

Quando abandonei a faculdade, por motivo de dúvidas quanto ao batismo infantil, comecei a estudar o livro “Uma Obra Maravilhosa e um Assombro”, o qual foi respondendo uma série de perguntas que eu tinha em mente. Um dia resolvi ir a uma reunião da Igreja na Rua do Seminário. Desde então passei a assistir a todas as reuniões. Durante oito meses estudei as escrituras. Nessa fase nasceu nosso quinto filho, Josué. Depois de nos batizarmos e estarmos já havia algum tempo na Igreja, nasceu Milton, o caçula”.

Presidente Camargo conta que, quando a Igreja era recente ainda em São Paulo, os membros, em sua maioria, não exerciam funções administrativas de responsabilidade.

“No início, a gente distribuía o sacramento ou abençoava, e dava aula na Escola Dominical. Os cargos administrativos vieram com o tempo. O primeiro deles foi como superintendente da Escola Dominical. Depois fui chamado para conselheiro do primeiro distrito organizado em São Paulo sob a presidência do irmão Lombardi e o irmão Abacherli era o outro con-



Presidente Camargo, esposa e três de seus filhos

selheiro. Mais tarde fui segundo conselheiro do Presidente Bangerter na presidência da Missão Brasileira por dois anos; depois servi como 1.º conselheiro do presidente Beck por três anos. No final da missão dele, foi organizada a primeira Estaca em São Paulo e fui chamado para bispo da Ala II.

Nessa época fui convidado pelo Bispado Presidente para organizar um serviço de impressão e distribuição de literatura da Igreja no Brasil, isto é, o "Centro Editorial Brasileiro". Dois anos após a organização da primeira estaca, ela se dividiu criando-se a Estaca São Paulo Leste e fui chamado para presidi-la. Ao fim de três anos mudamos para Barra Mansa no Estado do Rio. No final desse ano faleceu nosso filho Tércio, que ali estudava medicina. Pouco depois foi organizada a estaca Rio de Janeiro e o Ramo de Volta Redonda, freqüentado pelos membros de Barra Mansa, foi incluído nessa Estaca. Elder Bruce R. McConkie organizou a Estaca Rio de Janeiro e chamou-me para presidir o Ramo de Volta Redonda, trabalho que fiz pelo espaço de três meses, depois voltei para São Paulo. Freqüentei o Ramo de Vila Santa Catarina, na cidade de S. Paulo sendo chamado para presidente do mesmo, que logo depois passou a chamar-se Ramo do Aeroporto. Estava nessa função, já havia oito meses, quando recebi o telefonema

do presidente Romney chamando-me para uma missão."

Presidente Camargo, desde que se afastou do Exército por motivos de saúde, tem-se dedicado a atividades administrativas, habilitação que obteve na "Fundação Getúlio Vargas".

Quando veio o chamado da Primeira Presidência, ainda não estava especificado para onde seria sua designação como presidente de missão. Mesmo assim ele colocou seus negócios em ordem, acertou o trabalho de construções de residências em Taubaté e se colocou à disposição da Igreja. A espera foi cercada de expectativa, pois toda a família estava ansiosa por saber o destino que os esperava. Na realidade, porém, os Camargo não tinham preferência por algum lugar; a preocupação era apenas de servir. Finalmente, na conferência de Área, o presidente Kimball comunicou que seria a Missão Brasil Rio de Janeiro.

Para o presidente Camargo, apesar de seu longo currículo administrativo na Igreja, essa era uma atividade completamente nova; não havia sido missionário pois quando conheceu a Igreja tinha trinta anos e era casado. Sua experiência como conselheiro da Missão Brasileira em São Paulo era apenas no setor administrativo junto aos membros, ramos e distritos. Quem lidera o trabalho missionário é o presidente da Missão diretamente, auxiliado

por assistentes e outros líderes, também missionários. Estes o auxiliam a curto prazo, durante poucos meses e devem estar diretamente ligados a seu trabalho, uma vez que durante o tempo em que trabalham na casa da missão, só saem para fazer proselitismo no final da tarde quando encerra o expediente, e desse modo, não devem permanecer por muito tempo nessa função, havendo troca quase constante no corpo administrativo da casa da missão.

No trabalho administrativo junto aos membros, o presidente da Missão é assistido por dois conselheiros, que são membros da Igreja e exercem o cargo, como exercem as demais funções da Igreja, e estão sempre viajando com o presidente da Missão, para visitar ramos e distritos, levando instruções e fazendo conferências.

A missão, na opinião do presidente Camargo, que fala dela com muito bom humor, em vez de ser um bicho de duas cabeças, são dois bichos com uma cabeça só, pois são dois tipos de organização diferentes, dois corpos diferentes, mas, o líder que preside é o mesmo.

"Esse povo é fabuloso; minha liderança é formada de pessoas espiritualmente fortes e dedicadas ao trabalho. Meus conselheiros são incansáveis; em todas as unidades onde a presença deles é necessária, eles me acompanham. São homens de muita experiência e capacidade e de vida espiritual elevada, como os irmãos Portes da Ala do Jardim Botânico e Bradley que é de Pernambuco, mas mora aqui no Rio. Estou magnificamente assessorado nos dois corpos da Missão, e isso tem aliviado tremendamente a carga de presidir o trabalho.

O importante é nos identificarmos espiritualmente e nos apoiarmos mutuamente para cumprir o propósito único, que é servir ao Senhor Jesus Cristo, que dirige pessoalmente esta obra, através de inspiração do Espírito a todos que tiverem responsabilidade e boa vontade. Não se trata de uma organização formada por nós, dependendo da nossa inteligência".

O trabalho da Missão Brasil Rio de Janeiro, por abranger a maior

área geográfica de atividades da Igreja no Brasil, exige participação intensa da liderança, que viaja constantemente para instruir e acompanhar os líderes locais nos ramos subordinados aos distritos, que por sua vez são supervisionados pela Missão. A missão abrange todo o território brasileiro ao norte de São Paulo, incluindo a parte central e norte de Mato Grosso, e todos os demais estados da parte central, norte e nordeste do Brasil. Compreende 85% do território nacional, abrangendo 63% da população brasileira: mais de setenta milhões de pessoas.

A unidade mais distante e de mais difícil comunicação é o Ramo de Belém do Pará e existe também um grupo em Manaus, somando vinte pessoas, entre crianças e adultos.

Mas, são os missionários e seu trabalho que mais empolgam a conversa desse líder que parece ter sido preparado para realizar essa função que é atualmente sua paixão. Cada minuto de seu dia é vivido nesse esquema missionário e a alegria e entusiasmo com que executa sua tarefa constituem para nós um testemunho a mais de que os chamados são feitos por inspiração do Senhor.

Aos jovens que cursam o seminário e pretendem sair em missão, ele tem um conselho: "O seminário ajuda muito e dá uma bagagem enorme àqueles que o fazem com dedicação. Dá um conhecimento das escrituras que será de grande valia e um testemunho fortemente consolidado, mas aqueles que não tiveram a oportunidade de frequentar um seminário, podem ser compensados pelo entusiasmo, esforço e dedicação.

"Acho importante lembrar aos jovens que a preparação não deve ser encarada com displicência, deixando-a para quando vier o chamado para a missão. Os professores da Igreja devem lembrar-se de que o que é ensinado na Escola Dominical e no S.A.M. é preparação para a missão. A vida pessoal deve ser uma preparação, e é fundamental para cada um. Antes de saírem para a missão, procurem o bispo e confessem a ele suas fraquezas. Aqueles que porventura

tenham tratado um membro de maneira imprópria ou os próprios pais, outros que não guardaram devidamente a Palavra de Sabedoria ou a sua conduta no namoro. Resolvam os pequenos e grandes problemas e acertem suas vidas; peçam ajuda a seus líderes sem receio. As pequenas coisas podem representar um problema muito sério para o rapaz quando ele vai ensinar os padrões a outras pessoas e a consciência, que nessa fase se torna mais aguçada, lhe diz que esses detalhes tão importantes deixaram de ser cumpridos. Aí é preciso procurar os presidentes de missão e confissões tardias vão ser feitas, pois já não podem suportar o peso da consciência.

Este é meu conselho: não prorroguem suas decisões, deixando-as para quando já estiverem em atividade; mantenham-se limpos e honrados, evitando dramas de espírito e a necessidade de orientação, quando o tempo é de dar orientação. Para todos os membros, tenho uma recomendação: o programa SIGA; ele é a arma mais poderosa para a divulgação do evangelho, é uma espécie de bomba atômica de alto poder, que os membros não devem ter medo de usar, pois seus resultados são positivos.

Ainda que em pequena escala, o programa SIGA tem dado resultados apreciáveis; batismos têm ocorrido em nossa missão, de pessoas com possibilidade de assumir liderança. Tenho certeza de que se ele for usado em maior escala e desenvolvido de maneira mais intensa, seus resultados serão estrondosos.

Quero lembrar a todos, que os missionários são treinados para pregar o Evangelho e ensinar princípios básicos para que as pessoas tenham condição de decidir diante de Deus, mas quem deve achar as pessoas e dar-lhes apoio e exemplo, são os membros. Reforçando as palavras do Profeta, cada membro é um missionário, todos devemos ter consciência do fato.

O equilíbrio que uma pessoa mais idosa, por exemplo, deve encontrar na igreja, deve vir antes dos membros que do missionário, pois a experiência da vida fará com que essa pessoa se identifique mais

com os membros que têm algo a participar com ela. É através desse relacionamento, somado à preparação dada pelo missionário, que podemos integrar mais um membro.

Quero deixar meu testemunho. É o mesmo testemunho que todos têm: a certeza e a experiência que a gente adquire na Igreja, que vão se somando e formando um edifício bem estruturado, e através dele sabemos que essas coisas são verdadeiras, não porque alguém nos disse, mas porque vivemos essa realidade.

Sei que o Livro de Mórmon é verdadeiro e que Joseph Smith é um profeta chamado por Deus para restaurar o Evangelho e que Jesus Cristo dirige pessoalmente esta Igreja.

Uma parte desse testemunho, adquiri por informação, leitura e meditação, mas a parte mais importante é a experiência pessoal. Quando precisamos entender melhor e discernir uma situação, o Senhor nos diz o caminho a seguir; algumas vezes isso é tão evidente que ficamos espantados de ver as coisas acontecerem.

Numa conferência de distrito, pedi a meus conselheiros que entrevistassem os líderes e membros para o avançamento no Sacerdócio Maior, e procurassem conhecer suas dificuldades e dúvidas, enquanto eu dava instruções à congregação.

Terminada a sessão, dirigi-me ao hotel para dormir. Não tinha nada em mente para preparar o discurso da manhã seguinte e estava muito cansado.

Orei ao Senhor e pedi que me orientasse e iluminasse no que deveria dizer. Na manhã seguinte, quando abri os olhos veio-me ao pensamento a mensagem que deveria dar. Anotei todos os itens que abordaria. Terminada a conferência um dos conselheiros disse-me: Presidente, se eu tivesse dito ao senhor os problemas que eram de nosso conhecimento e que o senhor deveria esclarecer, seu discurso não teria sido tão específico como foi.

Digo a todos mais uma vez, que Jesus Cristo dirige esse trabalho, pois ele tem progredido muito e o progresso só pode ser atribuído à orientação e inspiração pessoal, que comprova ser esta sua Igreja".

São Paulo: Organizada Nova Estaca e Outra Reorganizada

“**E**spero servir meu Pai Celestial, continuamente”. Com estas palavras o Presidente Walter Spät despedia-se de quase 11 anos consecutivos como presidente da Estaca São Paulo, e partia para nova designação recebida da Primeira Presidência, como Representante Regional dos Doze. Na manhã de domingo, dia 20 de fevereiro de 1977, no Shopping Center Iguatemi, alugado especialmente para dar lugar à Conferência da Estaca São Paulo, os santos se congregaram para erguerem sua mão direita em sinal de gratidão e louvor àquele grande líder e para apoiar a nova presidência da Estaca São Paulo. O irmão Darcy Coelho Domingos Correa foi apoiado como presidente, chamando para conselheiros, o irmão Manoel Ricoy Diez, que já fazia parte da presidência anterior, e o irmão Osvaldo Silva Camargo, ex-bispo da Ala São Paulo XVI, como segundo conselheiro. Presidente Darcy Correa nasceu na cidade de São Paulo a 29 de junho de 1931, filho de Daniel Domingos Correa e Namir Coelho Correa e é casado com Marlene Fernandes Aschermann. O casal tem 5 filhos: Darcy Jr., Roney, Ruy, Luiz Cesar e Edilene. Foi selado no templo de



Elder Stone, chegando para entrevista com os líderes

Salt Lake City por ocasião da conferência de outubro de 1973. O novo presidente da estaca ocupou vários cargos na Igreja, destacando-se entre eles, o de primeiro conselheiro do antigo Ramo de Pinheiros I, conselheiro do bispo da Ala IV, membro do sumo conselho e ultimamente servia como primeiro conselheiro do Presidente Walter Spät, na presidência da es-

taca. O Presidente Darcy é advogado, formado pela Universidade de São Paulo, na tradicional escola de ensino do Largo São Francisco.

Presidente Ricoy, é natural de São Paulo, nascido aos 16 de outubro de 1922, filho de Manoel Ricoy Salazar e Josefa Diez Gutierrez. O casal tem 2 filhos: Nilce Costa Ricoy e Nilton Costa Ricoy. Presidente Ricoy foi presidente da Missão da Estaca, Superintendente da AMM, Secretário Executivo da Estaca, membro do sumo conselho, e na vida profissional é securitário. O irmão Ricoy, falando à reportagem, salientou que o dia 20 de fevereiro foi duplamente abençoado pois, além de ser designado como conselheiro na presidência da estaca, nesse dia nasceu sua netinha, em Brasília.

Presidente Osvaldo Silva Camargo, nasceu também na capital de São Paulo, a 15 de setembro de 1929 e é casado com Evangelina Camargo. O casal tem 4 filhos: Sidney, com 23 anos, Denise, com



A nova presidência da Estaca São Paulo: Presidente Darcy Correa, ladeado pelos seus conselheiros, Presidente Ricoy e Presidente Camargo.



A nova presidência da Estaca: Presidente Moraes, ladeado pelos seus conselheiros, Presidente Kikuchi e Presidente Galhardo



Elder Faust pedindo apoio.

20, Agnaldo, 17 e Vandêrlei com 14 anos. Por ocasião de seu chamado o presidente Camargo era o bispo da Ala São Paulo XVI, tendo anteriormente trabalhado como Superintendente da antiga AMM, líder do grupo de Élderes e presidente do ramo da Lapa. Na vida profissional, ele é vendedor autônomo. Nessa mesma oportunidade foi apoiado como novo bispo da ala XVI, em substituição ao Presidente Camargo que foi chamado para a presidência da estaca, o irmão Davilson Rodrigues. Esta conferência foi presidida pelo Élder O. Leslie Stone, auxiliado pelo Élder James E. Faust, membro da presidência do Primeiro Quorum dos Setenta, que pediu todos os apoios desta conferência. Na tarde deste mesmo dia 20, com início às 15 horas, na capela da Ala São Paulo VIII, (Santana) realizou-se nova conferência especial para a organização da nova Estaca São Paulo Norte. Estavam reunidas duas unidades da Estaca São Paulo, ou seja, a Ala São Paulo VII (Casa Verde) e da São Paulo VIII, (Santana), e mais 4 unidades da Estaca São Paulo Leste: Ala São Paulo XV (Tucuruvi), Ala de Jaçanã, Ala São Paulo IX (Vila Maria) e o Ramo de Guarulhos. Também sob a presidência do Élder O. Leslie Stone, sempre auxiliado pelo Élder James E. Faust e o Representante Regional Antonio Carlos de Camargo, e dirigida pelo Presidente Demar Stanisícia, presidente da Estaca São Paulo Leste, foi iniciada esta conferência histórica, tão aguardada pelos santos da zona Norte da Capital. Tomando a palavra, o Élder James E. Faust, pe-

diu à congregação que apoiasse o novo presidente da estaca São Paulo Norte, o irmão Jorge Flávio de Moraes com também seus conselheiros: Mitsuru Kikuchi, como primeiro conselheiro, e José Gimenez Galhardo, como segundo conselheiro. Presidente Flavio Moraes é natural da cidade de Passos, estado de Minas Gerais e nasceu aos 23 de julho de 1933, filho de Manoel Flavio de Moraes e Geni de Melo Moraes. É casado com Zélia Bisego de Moraes e o casal possui 3 filhos: Débora, 18 anos, Maristela, 15 e Marcos Flavio com 8 anos de idade. Presidente Moraes, batizou-se na Ala São Paulo VIII, (Santana) a 15 de outubro de 1967. Foi secretário assistente, secretário da ala, primeiro conselheiro no bispado da Ala VIII e exercia por ocasião de seu chamado, o cargo de bispo de sua querida Ala VIII. Na vida profissional é advogado. Presidente Kikuchi é natural de Tóquio, Japão, nascido aos 19 de janeiro de 1923, filho de Kenji Kikuchi e Kiyo Kikuchi. É casado com a irmã Ada Kikuchi e o casal tem dois filhos: Valerio, atualmente servindo missão de tempo integral em Portugal e Rossana Mari. Presidente Kikuchi ocupou vários cargos na Igreja salientando-se entre eles o de presidente do Distrito de Tietê, bispo da Ala São Paulo VIII, Presidente da Escola Dominical da Estaca e membro do sumo conselho da estaca. Na vida profissional, o presidente Kikuchi é técnico em contabilidade, administrador de empresa e advogado. Presidente Galhardo, nasceu na araraquarense, na cidade de Uchoa, a 15 de outubro de 1918, filho de An-

tonio Gimenez e Otavia Galhardo. É casado com Izaura Rodrigues Galhardo e o casal tem quatro filhos: Marinez Rodrigues, atualmente residindo em Salt Lake City, Marcio Rodrigues Galhardo, atualmente presidente do Distrito de Rio Claro, da Missão Brasil São Paulo Norte, Marcos e Mônica. Entre outros cargos, o Presidente Galhardo foi o presidente do Ramo do Cambuci, atualmente ala São Paulo XIV (Ipiranga), membro do sumo conselho, bispo da Ala São Paulo I. Na vida profissional o Presidente Galhardo é supervisor qualificado textil. Nessa mesma oportunidade foram chamados novos bispos: Bispo Onofre Ferreira da Silva, como bispo da Ala São Paulo VIII; bispo Aparecido Soares, como Bispo da Ala São Paulo IX (Vila Maria); bispo Antonio de Oliveira, como bispo da Ala São Paulo XV (Tucuruvi) e o irmão Luiz Cunha para presidir o ramo de Guarulhos. A nova estaca tem, portanto, 6 unidades assim discriminadas: Ala São Paulo VIII (Santana), Ala São Paulo IX (Vila Maria), Ala São Paulo XV (Tucuruvi), Ala São Paulo VII (Casa Verde), Ala de Jaçanã e Ramo de Guarulhos. A Estaca São Paulo ficou assim organizada: Alas IV e V (Pinheiros), Ala VI (Perdizes), Ala São Paulo XVI (Lapa), Ala São Paulo XVII (Osasco) e o Ramo de Vila Sonia. A Estaca São Paulo Leste ficou organizada desta forma: Ala São Paulo I (Vila Mariana), Ala São Paulo X (Penha), Ala São Paulo XI (Mooca), Ala São Paulo XIV (Ipiranga) e Ala São Paulo XVIII (Belém).

Walter Spät, o Novo Representante Regional

Desde 1.º de fevereiro o irmão Walter Spät é o novo Representante Regional dos Doze. Sente-se honrado e feliz com o novo chamado, por ter novas

experiências e responsabilidades. “Não tenho a intenção de fazer menos, mas sim cumprir o novo chamado com todo empenho e seriedade. Para isto é preciso preparação e estudo”.

Na desobrigação de irmão Spät, como Presidente da estaca São Paulo, foi criada a estaca São Paulo Norte, que recebeu duas alas da estaca São Paulo (Casa Verde e Santana) e quatro alas da estaca São Paulo Leste (Jaçanã, Vila Maria, Tucuruvi e Guarulhos).

Como Representante Regional o irmão Spät terá sob responsabilidade a área que abrange as estacas de Curitiba, Santos, São Paulo Oeste e São Paulo Sul e essa nova função será bem diversa daquela que vinha ocupando anteriormente. A função básica é instruir as lideranças das estacas para fazer funcionar os programas básicos da Igreja, tanto do sacerdócio como das auxiliares.

Seu trabalho será desenvolvido junto à liderança da estaca, ou seja, Presidência da Estaca, Sumo Conselho e auxiliares. “Os presidentes de estaca recebem orientação diretamente da Primeira Presidência” disse ele, acrescentando: “Esta nova designação irá requerer, por certo, algumas viagens mas, por outro lado, me desobrigará de assistir a um grande número de reuniões que antes exigiam a minha presença como Presidente de estaca. Isto me dará mais oportunidade de estudar os manuais e, obter maior entendimento”.

Membro da Igreja há vinte e sete anos, irmão Walter Spät jamais recusou um chamado para servir e não tem limites a sua dedicação à causa da edificação do Reino de Deus.

Ele tem uma fábrica de móveis de estilo, estando nesse ramo de negócios há trinta e cinco anos e atualmente tem o grande desejo de fazer alguma coisa para o Templo, algo que requer mão de obra artesanal em madeira.

A família tem sido para o irmão Spät sua grande fonte de incentivo. São todos bastante unidos; quer na vida profissional, quer nas atividades da Igreja, todos trabalham juntos e com o mesmo propósito.



Presidente Spät em seu escritório de trabalho



Presidente Spät, esposa e um de seus netos, Davi

Bruce M. Lake na Reunião de Matrículas

O Instituto Regular de São Paulo realizou no dia onze de fevereiro de 1977 uma reunião especial de matrícula com a presença de élder Bruce M. Lake, administrador de área do sistema educacional da Igreja.

Além de incentivar as matrículas, a reunião teve o objetivo de admoestar os membros a examinarem as escrituras com mais atenção e rigor através dos cursos que a Igreja oferece, conforme salientou o diretor do Instituto Regular em São Paulo, irmão Paulo Roberto Puerta, que dirigiu a reunião.

Precederam os oradores cinco jovens que prestaram seu testemunho sobre a importância do Instituto na tomada de decisões em suas vidas e na espiritualidade que ganharam. Três desses jovens apresentaram suas despedidas em partida para a missão e falaram de sua gratidão pelo preparo que adquiriram para levar avante a obra missionária.

O segundo conselheiro na estaca São Paulo Oeste, Wilson Sanches Neto, orador que precedeu élder Lake, alertou os jovens que a segurança e o sucesso no futuro

dependem de esforço e dedicação no presente, por isso a juventude deve preparar-se agora, através de estudo e trabalho, para assegurar para si um futuro risonho e promissor.

Élder Bruce M. Lake deixou uma inspirada mensagem aos alunos e futuros alunos do Instituto Regular, dizendo que eles devem ser os melhores membros de suas alas e ramos; devem ser exemplos e estudar as obras-padrão da Igreja. Contou-nos a história do irmão de Jared, do Livro de Mórmon, ressaltando a importância da fé e das obras para alcançarmos nossos objetivos. Disse que quando o irmão de Jared levou o problema da falta de luz em seus oito barcos o Senhor não resolveu o problema para ele, mas respondeu com outra pergunta... "Que desejais que eu faça a fim de que tenhais luz em vossos barcos"?... Éter 2:23. Com isso ele fez com que o irmão de Jared ponderasse na melhor solução do problema e a apresentasse ao Senhor para aprovação. Com fé no Senhor, mas também principalmente com obras, as dezesseis pedrinhas foram apresentadas ao

Senhor que as aceitou e as tocou com o dedo. Jared recebeu através desse procedimento, mais do que havia desejado pois o Senhor se mostrou a ele. Se Jared tivesse tido fé, mas não tivesse levado as pedrinhas (obras) nada teria acontecido.

Élder Bruce explicou que é assim que o Senhor age. Nós recebemos uma designação ou desafio, avaliamos os problemas, levamos ao Senhor, mas não devemos esperar uma resposta direta ao problema. Temos que ponderar as alternativas, levar a melhor delas ao Senhor, acreditando que ele tem o poder para ajudar-nos. Seguindo este procedimento receberemos muito mais do que pedimos.

Este é o modelo de treinamento de liderança usado pelo próprio Salvador. Élder Bruce M. Lake sugeriu que os alunos seguissem este mesmo método, ou fórmula, no estudo do Evangelho no Instituto Regular.

Terminou prestando seu testemunho de que estudando e vivendo o Evangelho receberemos a vida eterna.

**ATENÇÃO MISSIONÁRIOS
E EX-MISSIONÁRIOS
ESTA SEÇÃO É SUA!**

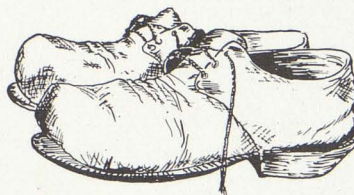
Firmes, Marchai!

A partir deste número a "A Liahona" publicará uma seção especialmente dedicada aos missionários. Se você deseja publicar seu testemunho, suas memórias da Missão, histórias de conversões ou se deseja saber notícias de ex-companheiros ou membros de quem não tenham o endereço, escrevam para Caixa Postal 19079 aos cuidados de "A Liahona".

Se os bispos e presidentes de estacas desejarem publicar fotos de missionários que estão partindo em missão poderão enviá-las também a esta seção.

Solicitação indevida de dinheiro. Alguns missionários que retornam, têm recentemente recebido solicitação indevida de dinheiro, por parte de pessoas que ocasionalmente conheceram no campo missionário. Por outro lado, também seus pais têm recebido o mesmo pedido de pessoas que alegam terem convivido com seus filhos ou filhas durante o período de suas missões.

Toda vez que qualquer membro da Igreja receber qualquer pedido de dinheiro nessas circunstâncias, de qualquer pessoa relacionada com o trabalho missionário deverão entrar em contato com o De-



partamento Missionário. (**Comitê Executivo Missionário**).

Visitas aos Missionários. A longa experiência nos tem mostrado que não é sábio que o missionário telefone para sua casa ou para seus amigos. A visita dos pais ou parentes ao missionário em seu campo de trabalho contribui, igualmente, para desviá-lo de seu esforço missionário. O presidente da missão deverá ser consultado para se obter permissão antes que a visita ou o chamado telefônico seja feito. (**Comitê Executivo Missionário**).

